

José Conceição Amaral

Buscando Sentidos

Divinópolis – 2002

Copyright c2002, by José Conceição Amaral

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução desta obra, em seu todo ou em parte, por quaisquer processos, sem a permissão do autor.

Planejamento Gráfico:

Capa: Alisson Fernando Rocha Amaral

Editoração Gráfica: Gráfica Sidil

Diagramação: Fernando José de Oliveira

Revisão: Mauro Eustáquio Ferreira, Paulo Roberto dos Santos

Amaral, José Conceição

Buscando sentidos/José Conceição Amaral - Divinópolis

Gráfica Sidil, 2002.

136 p il.

Inclui biografia, bibliografia e o conteúdo das palestras... ministradas pelo autor.

-

ISBN

-

1. Psicologia aplicada. 2 Auto-ajuda - 3. Relações Humanas 4. Educação. 5. Trabalho. 6. Família. I Título
CDD158

Ficha Catalográfica:

Elaborada pelas bibliotecárias Geisa Aparecida Greco,
CRB6/909, Valéria Alves de Oliveira, CRB6/1642, Setor de
Processamento Técnico da Biblioteca Pública M. “Ataliba Lago”

Sumário

Capítulo 1

Um sentido para a educação

O cão e o coelho	16
A família como referência de valores.....	19
Professores eficientes.....	20
Sem crise de adolescência.....	21
Maturidade precoce	23
A pedagogia do olhar.....	25
As visitas, doce aprendizado!.....	27
A cristaleira	31
Havia uma xicrinha no meio do caminho..	34
Uma revolução às pressas	37
A família pede socorro.....	40
A babá eletrônica.....	43
O culto ao fora da lei	47
Matar dá status?.....	49
Já não se fazem elogios como antigamente	52
Crueldade passou a ser um valor?	55
Os anti-heróis	58
Nossa responsabilidade.....	61
Meu filho, um estranho.....	63
Uma lição de onde menos se espera.....	64
Um pouco de boa vontade.....	68
Responsabilidades	70
Uma suposição	74

Capítulo 2

Um sentido para o trabalho

Para o povo hebreu	82
Para os gregos.....	84
Para os romanos.....	85
Trabalho e liberdade	87
Trabalho ou emprego?	89
Sempre a educação!	94
Amar o que faz	98
Uma heroína	102

Capítulo 3

Nosso maior compromisso é ser feliz

Por amor	108
Uma disputa esquisita	109
Só podemos dar o que possuímos	112

Capítulo 4

Um sentido para as relações humanas

Os brutos podem amar?	118
Fazendo o dever de casa	120
Primeira fase.....	121
Segunda fase.....	122
Terceira fase	123
Quarta fase.....	124
Quinta fase.....	126
Sexta fase	128
Sétima fase	130
Ah! Sempre o amor!	133
Bibliografia.....	136

Agradecimentos

Espero que cada pessoa que pegar este livro para ler tenha tido, em sua vida, pelo menos uma experiência com o sentimento de gratidão. Só quem já o sentiu pode avaliar como estou me sentindo agora. É uma felicidade invadindo a alma que só criança a sente em véspera de Natal.

A minha gratidão estende-se a todos os que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a expandir os conhecimentos intelectuais e espirituais, mormente nesses últimos 22 anos, razão pela qual posso me aventurar a tecer algumas reflexões sobre as experiências mais marcantes que revolucionaram minha vida.

Ao homenagear o amigo Harley Xavier de Melo, é meu desejo que todos os meus amigos se sintam igualmente homenageados.

O que me leva a declinar seu nome é o fato de ele ter sido minha porta de acesso em dois grandes momentos de transformação.

O primeiro foi quando ele me convidou para fazer a minha iniciação nos estudos aprofundados sobre a espiritualidade humana, quando adquiri o suporte necessário para tornar-me um devotado aprendiz da arte de ensinar. O segundo foi quando ele me inseriu no mundo das palestras em empresas por meio do convite para participar de um projeto chamado “Segurança com Amor”, realizado na empresa onde ainda trabalha até os dias de hoje.

Foi por meio dessas oportunidades que venho colhendo os frutos da felicidade, que é ter a oportunidade de servir aos companheiros de caminhada.

Portanto, a todos os amigos e familiares que me cercam de incentivo, carinho e atenção, os meus mais profundos e sinceros agradecimentos.

Divinópolis, 13 de abril de 2002.

José Amaral.

Ao leitor

As manifestações de carinho e generosidade das pessoas que assistem às minhas palestras em empresas, grupos religiosos e escolas fizeram-me sentar diante de um computador e passar para o papel aquilo que suponho ser a essência delas – reflexões simples do cotidiano.

É também uma tentativa de retribuir o reconhecimento e o respeito recebidos de todos os que manifestaram e manifestam o desejo de ter algo escrito sobre o que venho falando nesses últimos dezenove anos.

Por isso acho mais fácil e pertinente usar uma linguagem coloquial para ser o mais fiel possível ao meu jeito de falar, porque me sinto à vontade como num bom bate-papo de varanda, onde, numa roda de amigos, podemos dizer as coisas sem maiores pretensões.

Estão, neste livro, os conteúdos das primeiras palestras que compõem o projeto “Segurança e Qualidade de Vida”, que nasceu como consequência do projeto “Segurança com Amor”, já citado. Nele eu pretendia ampliar os conceitos básicos que formam a consciência de segurança no trabalho.

Os temas estavam relacionados à segurança afetiva, segurança social, segurança profissional, segurança psicológica e espiritual.

São eles, se bem elaborados, os suportes para se conseguir ter uma vida com um mínimo de boa qualidade.

A necessidade de falar sobre eles foi sentida a partir do momento em que a observação mostrou que, freqüentemente, os funcionários das empresas tendiam a projetar a responsabilidade de sua segurança para os técnicos, engenheiros de segurança ou membros da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), que passavam a ser as suas consciências exteriorizadas.

Os funcionários só se preocupavam em usar os equipamentos de proteção, quando estavam vendo algum deles por perto.

Era comum visitar uma oficina de trabalho, acompanhado pelo técnico ou engenheiro de segurança, e, ao longe, eu podia observar os operários se desorientando à procura de seus equipamentos de proteção individual. Alguns chegavam a gritar, sussurrando para os colegas: “Olha os homens!”.

Isso queria dizer que, quando o responsável pela segurança não estava por perto, a consciência dos operários também não estava. Cheguei à conclusão, então, de que era preciso fazer com que os operários entendessem a necessidade de eles próprios se conscientizarem sobre sua segurança.

Montei o projeto citado acima, numa tentativa de fazer com que os trabalhadores se sentissem mais autores na construção de uma consciência em que a vida a ser preservada era a deles próprios. Criar as condições

necessárias para que o operário entendesse que o braço que corria o risco de ser decepado era o dele, bem como a cabeça ou o resto do corpo.

Quem lida com essa área profissional, sabe da dificuldade em se conseguir tal proeza.

Tenho notado uma melhora significativa nos últimos anos, mas ainda distante do ideal, a julgar pelas estatísticas brasileiras que nos colocam como campeões em acidentes de trabalho.

Uma cultura machista produz efeitos colaterais terríveis. Dentre eles o de achar que a utilização de um equipamento para se proteger dos perigos diminui a virilidade masculina. Por incrível que pareça, ainda há homens que pensam assim. Será que é subindo num poste de alta tensão sem equipamentos de proteção que vai fazer um homem ser mais homem?

Houve a necessidade de ser criada uma lei que obrigasse as pessoas a usarem o cinto de segurança ao transitarem nos automóveis para que se conseguisse a sua utilização. Mesmo assim, há pessoas que só os usam quando vêm algum guarda de trânsito por perto. O guarda é a tal consciência externa.

O meu papel era fazer com que os trabalhadores entendessem que se quisessem uma vida com mais segurança e melhor qualidade, eles eram os principais artífices desse objetivo. Era preciso aprender a reivindicar seus direitos, no exercício dos seus deveres para com a própria vida.

Resolvi criar um ciclo de palestras que tocassem em todos os aspectos básicos da construção de um ser humano mais maduro, responsável e consciente.

Foram surgindo, portanto, temas ligados às relações humanas, à educação e ao sentido do trabalho.

E para minha grata satisfação, o projeto foi ganhando força e vitalidade, até que extrapolou os limites específicos da segurança do trabalho e ganhou conotações de consciência ética, consciência de cidadania, passando a ser solicitado também por outros segmentos sociais, como os movimentos religiosos e escolas, que se mostraram interessados na possibilidade de fazer a sintonia entre a família, a escola e a sociedade.

O autor.

“Esses anos têm escrito a crônica de uma raiva e desespero crescentes, seja na calma solidão das crianças trancadas com a TV que lhes serve de babá, no sofrimento das crianças abandonadas, esquecidas ou violentadas, ou na desagradável intimidade da violência conjugal. O alastramento desse mal-estar pode ser visto pelas estatísticas que demonstram um aumento, em nível mundial, dos casos de depressão, e nos indicadores de uma repentina

onda de agressão – adolescentes que vão armados para a escola, infrações de trânsito na estrada que terminam em tiros, ex-empregados descontentes que massacram antigos colegas de trabalho.”

(Daniel Goleman)

O cão e o coelho

Ouvimos dizer que aconteceu na Grécia antiga, onde, certa vez, um filósofo foi convidado para falar para uma seleta platéia sobre o tema educação.

Ao receber o convite, ele colocou a mão no queixo, como quem reflete bem antes de assumir um compromisso, e respondeu: “Poderei falar algumas palavras sobre a educação, desde que me permitam um prazo de três meses para preparar-me. Necessito esse tempo para que possa atendê-los a contento.”

Concordando plenamente, o homem que fazia o convite retirou-se, pensando com seus botões: “Três meses para preparar-se para uma palestra sobre educação? Será que o nosso grande filósofo está entrando em decadência de conhecimentos?”.

Passado o prazo concedido, na noite do evento se podia notar a grande aglomeração de pessoas interessadas nas palavras do grande sábio que, a julgar pelo tempo de preparação exigido, deveria ser brilhante.

Após as apresentações, o grande filósofo subiu ao palco e cumprimentou o público: “Senhoras e senhores, é com alegria que aqui estou para cumprir a tarefa solicitada. Pediram-me que lhes falasse sobre a educação, mas não há muito que falar. No entanto, uma demonstração faz-se necessária para que compreendam a sua importância...”.

Diante da expectativa do público, o palestrante dirigiu-se a um jovem senhor na coxa e disse: “Pode soltar o primeiro coelho, por favor!”.

Daí a instantes, um coelhinho entrou saltitante no palco, enquanto se ouviu outro pedido do filósofo: “Pode soltar o primeiro cão.”

Solto o enorme cão, em fração de segundos, ele invadiu o palco e estraçalhou o pobre coelho, diante de uma platéia estarrecida.

Calmamente o filósofo pediu para retirar o cão e limpar o local ensangüentado. Esperou que acabassem, e dirigiu-se novamente ao jovem senhor, dizendo: “Pode soltar o segundo coelho”.

Ouviu-se um murmúrio geral, enquanto um novo coelho, semelhante ao anterior, saltitava no palco.

A voz forte do filósofo novamente fez o pedido para que soltassem o segundo cão da mesma raça e do mesmo tamanho do anterior. E, diante da platéia que já esperava mais uma cena tétrica, entrou o enorme cão que, ao avistar o pequeno coelho, foi ao seu encontro e se pôs a brincar com ele,

ternamente. Rolavam e divertiam-se diante do público, que não compreendia o que estava acontecendo.

Então, o filósofo tomando a palavra, num tom sereno característico dos grandes mestres, disse: “Pediram-me para falar sobre educação, e eu lhes digo que educação é o que vocês acabaram de presenciar... O segundo cão foi educado no período de três meses que solicitei...”.

Esse caso coloca-nos diante da necessidade de uma maior atenção quanto ao processo de educação de nossas crianças.

Ainda existem pessoas que acham que educar é deixar a natureza agir sem interferências. Houve até uma proliferação de psicologismos, há algumas décadas, em que um dos preceitos básicos da educação era jamais dizer “não” para as crianças, pois poderíamos traumatizá-las.

Estamos, a duras penas, conscientizando-nos da incoseqüência desse modo de pensar.

Educação dá trabalho, sim, e muito. E não há educação sem os limites impostos pelos deveres do convívio social. Respeitar os direitos de cada um é o que torna viável a vida em sociedade.

“Desde que haja dois homens juntos há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta...”.

“Só pelo pensamento o homem goza de uma liberdade sem limites...”.

(Allan Kardec)

A família como referência de valores

Quem foi educado há mais de 45 anos pegou um tempo em que a família era a fonte principal de referências na construção de valores e modos de ser. Aprendia-se a ser um ser humano adulto dentro de um clima de afetividade e aconchego familiar.

A família era, em sua maioria, estruturada na convivência entre pai, mãe e filhos, tios, primos e avós, num mesmo espaço existencial, em que todos sabiam de todos, se preocupavam com todos. Brigavam briguinhas de família, alegravam-se ou entristeciam-se com as alegrias ou tristezas de todos. Oravam e dançavam juntos.

Os filhos não perdiam os pais de vista durante um período longo do dia, porque os afazeres deles eram, quase sempre, ali por perto da casa, mesmo. Ora era uma retirada de leite das vacas, ora era uma capina na roça, ou coisa semelhante, própria de uma cultura de subsistência.

Professores eficientes

Os parentes mais próximos eram os professores que ensinavam por meio da própria vivência ou do exemplo.

O aprendizado era seguro pela sua singeleza. Rude, porém seguro. Aprendia-se fazendo.

O pai, ao consertar uma cerca, era, ao mesmo tempo, o instrutor do filho, que brincava com as ferramentas, dando asas à imaginação, própria da infância.

Era um aprendizado lúdico e prazeroso!

Amadurecia-se muito cedo, porque, ao se aprender fazendo, se fazia. E de brincadeira em brincadeira assumiam-se muito cedo as tarefas que competia a cada um.

Era comum casar-se em tenra idade. Aos treze anos, a menina-moça ou o rapaz já dava respostas para a comunidade como uma mulher ou homem adultos.

Sem crise de adolescência

Não havia crise de adolescência, como observamos hoje, porque a criança, desde cedo, já assimilava, pela brincadeira ou mesmo pelas tarefas propriamente ditas, o que ela deveria ser quando na maturidade.

Os rituais de passagem incumbiam-se de promover a travessia entre a infância e a juventude. Os papéis sociais eram passados de pai para filho pela tradição, sem choques significativos nesse período.

O convívio diário era uma espécie de garantia para a filha não apresentar muita dificuldade na construção de seu modo de ser adulta. Desde a infância ela via, pelas referências fornecidas pela sua mãe, o que deveria fazer para consegui-lo.

Num tempo em que, freqüentemente, se exigiam de uma mulher apenas os cuidados do lar, (o cuidar das crianças, do marido, de uma horta ou criação no quintal) via-se facilmente uma menina ainda com oito ou nove anos de idade passar por experiências que, às vezes, nem imaginamos como seria se tivéssemos de passar pelas mesmas situações.

Imagine-se assistindo a mãe dar à luz o irmãozinho, nas condições precárias da época, ajudar a parteira na hora do parto e depois cuidar da mãe, dos outros irmãos, do pai e das lides da casa para resguardar a mãe...

No entanto, tais experiências eram coisas corriqueiras para o modo de vida agrário predominante até meados do século XX na maior parte do território brasileiro. Ainda é assim em algumas regiões não tão urbanizadas.

Maturidade precoce

Quando essa menina atingia a idade de treze ou quatorze anos, o que mais ela precisaria saber para dar respostas como adulta para aquela comunidade? Nada. Tudo o que ela já sabia fazer lhe bastava para viver uma vida, dentro de sua identidade cultural, com um relativo bom desempenho.

Do mesmo modo, um jovem, nessa mesma faixa de idade, já tinha sua massa muscular bem definida, por causa do serviço rude, e já sabia fazer uma leitura mais ou menos precisa da realidade prática do seu dia-a-dia, que não passava de saber cuidar de bois, porcos ou galinhas, ou ainda, de cuidar da roça, de consertar uma cerca... Tanto que só de ouvir o cantar dos pássaros ou observar as mudanças na coloração das nuvens, já se punha a fazer o que a situação exigia.

O mínimo que se sabia era dar a hora certa, observando a sombra de algum mourão de cerca, que funcionava à guisa de um relógio de sol.

Era comum esse jovem encontrar-se com uma jovem nos bailes da vida e seus olhares cruzarem-se, selando a partir daí uma união na flor da idade.

E davam conta do recado, como diziam eles próprios. Esses jovens estavam já integrados e inteirados daquele modo de vida a tal ponto, que eram eles que construía suas casas e preparavam, para o cultivo ou criação, pequenos pedaços de terra ganhos de seus familiares como presente de casamento.

Começariam uma nova geração, na qual tudo se transmitiria mais ou menos da mesma maneira. Revoluções de costumes havia, mas não na forma de avalanche como as que vemos nos dias atuais.

O mundo dos adultos era entrelaçado ao mundo das crianças, que não eram barradas nos festejos, nos rituais religiosos, nas brincadeiras.

A pedagogia do olhar

Eu fui um dos que podem se considerar privilegiados, porque foram educados assim. A pedagogia usada era a “pedagogia do raspão na goela”, ou o raspanete. Sabe o que isso significava?

Significava que se fizéssemos uma arte (naquela época era chamada de “arte”, hoje é delinqüência), durante uma brincadeira ou na execução de uma tarefa, logo se escutava o “raspão na goela”. Ao procurar pela origem daquele som que nos fazia sentir um misto de medo e alegria, deparávamos com os olhares do pai.

Ai, ai, ai!

O meu pai tinha uns 35 tipos de olhares, os quais eu sabia o significado de um por um. Tinha olhar de aprovação, de alegria, desapontamento, tristeza, raiva...

Mas o que me era mais temido era aquele que, quando a “arte” passava um pouco além da conta, ele olhava por sobre a armação dos óculos, com a mão direita na cintura e a esquerda já segurando a ponta do cinto, que lhe segurava as calças, como quem dizia: “Agora você foi longe demais!”.

Nessa hora só se tinha uma coisa a fazer, correr para o colo da mãe, chorando e dizendo: “Eu juro que não fiz nada!”

Aquele olhar era o sinal de que, o que hoje a psicologia chama de limites ou barras, vinha por meio de uma, ou umas palmadas.

Eu sabia que a palmada, na maioria das vezes, doía mais nele, que a dava, do que em mim, que a recebia.

No fundo, mas bem no fundo mesmo, eu compreendia que ele se importava muito comigo e com o que eu deveria aprender a ser, quando crescesse. E no meu caso, graças a Deus, os carinhos eram maiores e mais frequentes do que as palmadas.

Depois da palmada, restava o choro ardido recostado na cama e o consolo de que no terceiro soluço (e eu aprendi a chorar de “ressolçar” – choro que provoca compaixão nos corações mais duros), ele me vinha acalentar e dizer que não era para eu fazer mais aquele tipo de travessura. Prontamente respondia que não mais o faria, e falava sem “momo”, porque era outra coisa proscrita lá em casa.

Numa época em que os recursos de diálogo que temos hoje eram escassos, e a influência dos métodos de educação (ou coerção?) aplicados no tempo da escravatura com espancamentos de escravos no tronco, até certo ponto, pela ignorância e somente por ela, justificavam-se as palmadas.

Hoje, nem pensar!

As visitas, doce aprendizado!

Cabia à minha mãe, mesmo que em alguns momentos se portava com austeridade e às vezes com severidade, passar-nos os valores oriundos da cultura cristã, em que a solicitude, fraternidade e o amor ao próximo se fazem presentes.

Nessa hora vinha o melhor, pois ela adorava fazer visitas.

E a visita tinha um sabor especial para mim, porque ela era composta de três partes.

A que mais me interessava era a segunda parte – a hora do cafezinho.

A visita, naquele tempo, era de um valor inestimável, tanto para quem visitava quanto para quem recebia. Percebia-se o contentamento no ar.

Atualmente, a visita passou a ser algo parecido com uma loteria. É isso mesmo. Há que se ter muita sorte para não pegar pela frente aqueles seres humanos pequeninos, que do alto dos seus um metro e pouco de altura exalam uma total falta de limites, para dizer numa linguagem em uso, mas, a bem da verdade, é falta de educação, mesmo, e pronto. De que adianta querer dourar a pílula?

Aliás, nunca vi coisa mais útil do que o tal olho mágico que se instala na porta de entrada das casas e apartamentos para que se possa prevenir o ataque de ladrões (?).

Eu sempre me perguntei se era mesmo para pegar ladrões. Hoje eu estou quase que convencido de que não é essa a sua utilidade. Onde já se viu o ladrão chegar à sua porta e tocar a campainha?

Então, o certo é que o tal olho mágico serve mesmo é só para selecionar as visitas.

Se alguém bate à porta, a gente vai atender e vê que se trata de uma “amiga” acompanhada com aquele “um metro e tanto de falta de educação...” Então, o jeito é fazer “psiuuuu” e dar a entender que não há ninguém em casa!

Mas se dermos o azar de um filho nosso perguntar em voz alta: “Quem é pai?”.

Aí, “a vaca foi pro brejo!”. Somos obrigados a abrir a porta e deixar aquele pestinha entrar. Nesse momento, rezar é a melhor solução. E há que ser com toda fé que se tem no coração, para que ele não vire a casa pelo avesso.

Um amigo meu dizia que se um desses meninos morresse e fosse para o inferno, três dias depois o capeta subiria lá no céu e diria para Deus: “Ou eu, ou aquele menino lá embaixo. Lá não há lugar para nós dois, não! Deus me livre!”.

Tais crianças fazem até o diabo rezar!

A mãe (ou o pai), como quem tem consciência do drama, mal acaba de entrar e pede desculpas pelo garoto que já está, aos gritos, pulando, com os sapatinhos sujos de barro, em cima do sofá.

Ouve-se a mãe fazer a reprimenda, que soa mais como que um apelo desesperado de quem está completamente à mercê do filho, que se sente o dono do pedaço: “Juninho, faça assim não, filhinho!”.

A criança nem toma conhecimento. E a mãe (ou o pai) justifica-se: “Ele está tão custoso! Não estou agüentando mais! Já até levei num psicólogo para ver o que ele tem. Mas esse pessoal não resolve nada... Sempre falam

que o problema está com a gente, não é mesmo? Daqui uns meses ele vai para escolinha, e daí eu peço à diretora ou alguém de lá, que dê um jeito nele pra mim.”

Como diz o nosso presidente da República: “As professoras são umas coitadas!”.

Que saudades das visitas da época de minha infância! Eram rituais que celebravam a humanidade!

Eram tão boas, que eu ficava assuntando na vizinhança quem é que tinha ganhado menino, saído de hospital ou chegado de viagem, porque eram ocasiões propícias para se fazer uma boa visita.

Ao saber das novas, corria para casa e avisava minha mãe, que solícita dizia: “Então, logo mais à tarde, iremos à casa de dona Maria fazer-lhe uma visitinha, e oferecer-lhe nossos préstimos”.

A ansiedade passava a ser minha companheira até lá pelas cinco horas da tarde, quando minha mãe terminava os seus afazeres, e dizia para eu passar uma água no rosto, pois a tão esperada hora de irmos, finalmente, chegara. Era só água no rosto, mesmo, não se tinha esse luxo de tomar banho todos os dias, não; na maioria das vezes, banho era de sábado em sábado se precisasse... E de bacia.

No caminho, ela, segurando minha mão, ia dizendo as regras de convívio social: “Lá você sabe, né?” Eu lhe respondia: “Sei, mãe!” E ela dava um apertão na minha mão, como quem me lembrava a principal regra ao se fazer uma visita.

Como num passe de mágica vinha à minha mente que, se fizéssemos uma arte na casa dos outros, era sinal de que, quando chegássemos em casa, tínhamos uma “consulta” com um “psicólogo”, que morava atrás da porta da cozinha lá de casa. Era um relho de duas tiras, usado nas montarias pelo meu pai, ainda do seu tempo de menino.

Então, como eu estava interessado era no cafezinho, sabia me comportar direito. Quem me visse diria, sem pestanejar, que eu era um digno exemplo de compostura.

Casas que tinham meninos de minha idade eram reconhecidas pelos sinais inconfundíveis – poucos bibelôs sobre a mesa da sala ou alguns com sinais de remendos feitos com esmalte de passar nas unhas. Quando eram muitos os bibelôs, era sinal de que não havia crianças na casa. Nesse caso, eu já ficava esperto. Era ali ó...! Assentado como um homem grande escutando aquele “papinho de vai que é mole” das duas comadres, que trocavam amenidades de uma vida simples e, por isso, plena de sentidos. Eram lições de calor humano. Fraternidade pura. Amizade cálida.

Cenas de afetividades explícitas, que me eram ensinadas sem que tivessem de me dizer uma só palavra.

A cristaleira

Minha liberdade restringia-se a passear os olhos pela sala.

Meu olhar vagueava pelos quadros de santos (os quais reconhecia um a um), pelas jarras de flores de plástico que davam um toque de beleza junto dos bibelôs ainda intactos sobre a mesa.

O que mais me fascinava era a cristaleira – um móvel sagrado!

Só depois que fiz meu curso de filosofia é que descobri (uma de minhas professoras me disse) o porquê do meu fascínio pelas cristaleiras. É que nelas as pessoas depositavam suas memórias mais sagradas. Nelas se colocavam as porcelanas que pertenceram aos antepassados e não se podia usá-las a não ser em ocasiões especialíssimas. Era lá o lugar onde estavam nossas referências de origem, nossas identidades, nosso lastro cultural.

Dentro daqueles bules de porcelana antigos se depositavam as nossas memórias. O retrato, já amarelecido pelo tempo, da avó falecida. O papel de bombom com um nó no meio, que sempre me intrigava por não saber o porquê de todo aquele carinho para com ele. Ao crescer descobri que era símbolo de um beijo roubado, atrás da igreja, durante as barraquinhas ou quermesses. O ladrão de beijos deixava-o com a “vítima” como recordação.

E o que é mais interessante é que, intencionalmente, ao fundo da cristaleira sempre havia um espelho, como a nos remeter à nossa identidade toda vez que passávamos pelas nossas memórias. Chegávamos a nos assustar com o choque de autoconsciência. A gente percebe-se com profundos significados nos espelhos das cristaleiras. Ali a gente se percebe sendo.

Quando saía do transe da viagem às memórias recônditas, percebia que a nossa visita estava se encaminhando para a segunda parte de seu ritual. Era fácil saber por que o assunto entre as duas comadres passava para a resenha meteorológica.

Quando as duas começavam a falar do tempo, era sinal de que o assunto se estava esgotando.

Até que, após a resenha meteorológica, as duas ficavam paradas, uma em frente à outra, num silêncio constrangedor.

Eu, então, previa: “A hora do cafezinho está chegando.”

E as duas naquele minuto de silêncio, que mais parecia um século, batiam as mãos e diziam interjeições sem muito sentido: “Pois é! Né? Então!”

Minha mãe, com toda a sua experiência de velha visitante, dava o golpe de misericórdia: “Está ficando tarde e nós precisamos ir chegando...”

Aí a dona da casa, o mais rapidamente possível dizia: “De jeito nenhum! Vocês não vão embora sem antes tomar um cafezinho, uai! (mineirice da gema!) Senão eu vou considerar como uma grande desfeita”.

Eu, no meu cantinho, exclamava: “Até que enfim!”.

Essa era minha hora favorita.

Minha mãe retrucava, só de boca para fora, eu o sabia, pois conhecia os seus trejeitos: “Não carecia se incomodar... Já está ficando tarde...” Mas aceitava como sempre.

Tinha que aceitar, ora bolas! Afinal de contas, todo o tempo que investi, assuntando pela vizinhança, era para esse momento tão sonhado.

Havia uma xicrinha no meio do caminho

Rumávamos, então, para a cozinha, onde eu, mais que depressa, encontrava um jeito de ficar perto do rabo do fogão à lenha, atizando o fogo. Assistia a mais cenas de afetividades explícitas, enquanto os bolinhos de chuva fritavam na banha de porco tremulante.

O café era coado nos mancebos de madeira equipados com coadores de flanela.

Café adoçado com rapadura: “Hummm!”.

Se eu fechar meus olhos, ainda posso sentir o aroma misturado com boas recordações de momentos que ajudaram a construir o meu imaginário.

Quer melhores referências para se aprender a ser um ser humano mais humano? Perto de quem se ama, amenidades no trato, uma verdadeira comunhão de coisas gostosas. Deus estava ali!

Mas nem tudo era só maravilha.

Não sei por que sempre sobrava para as crianças terem que tomar café naquelas xícaras esmaltadas pequenas, na sua maioria de cor verde. São, exatamente, aquelas que, por ironia do destino, tinham uma florzinha pintada, talvez para que a gente ficasse admirando a beleza da florzinha até que o café esfriasse.

Aí é que morava o problema, não esfriava.

Nunca inventaram nada mais eficaz para conservar um café quente do que aquelas famigeradas xicrinhas. Aquilo era um sofrimento!

Soprar não adiantava muita coisa. Parece que quanto mais se soprava mais quente ficava. Pedia pra minha mãe soprar; ela dava umas duas sopradas, aparentemente ficava pior.

E eu já comendo o terceiro bolinho, por sinal dos deuses, no seco mesmo, embuchando-me, porque para cada pedacinho precisava de, no mínimo, cinco engolidas de entortar o pescoço. Só a saliva não dava conta. E as duas nem percebiam o meu drama.

Tentava levar o dedinho naquela asinha da xícara, queimava, eu tirava às pressas.

E minha mãe, já partindo para a terceira parte do ritual da visita - os agradecimentos e as despedidas, deixava-me desamparado naquele sufoco.

Chegava a rezar, mas esfriar, mesmo, que era bom, “necas de pitibiribas!” Nem com reza brava!

As despedidas corriam soltas e eu pensava: “Eu não vou perder esse café de jeito nenhum”. No desespero levava a mão, esticava o dedinho e rapidamente levava a verdinha esmaltada à boca, e de um gole só sentia a queimadura do café descendo goela abaixo.

Corria para acompanhar minha mãe, que se encaminhava para a saída, finalizando as despedidas.

Ia embora com a língua dormente, e dormente ela ficava por, pelo menos, uns três dias, mas conseguia realizar o meu desejo.

Estava feliz!

Pena que a riqueza de uma visita, em todos os seus aspectos, bio-psico-socioespiritual, seja, hoje, tão difícil de se resgatar!

Estamos sempre com muita pressa. Não temos tempo. Incomodamos. São as nossas desculpas mais comuns para cultivarmos o nosso individualismo árido e carente.

E para esquecer a nossa vida sem sentidos, projetamo-nos para a vida dos personagens de novelas, que se incumbem de nos aliviar as carências afetivas. Será que conseguem? Ah! A gente finge que conseguem para darmos conta de levar a vida!

Uma revolução às pressas

Nós, brasileiros, na pressa de fazermos a nossa revolução industrial, atropelamos a nossa identidade e amarfanhamos a nossa cultura.

Não estou cultuando o saudosismo, nem fazendo apologia ao passado, mas não dá para seguir adiante sem entender o que aconteceu conosco e nos fez transformar no que somos.

Chega de ensaio e erro! Dói muito mais que o necessário.

Para se traçar um objetivo, são necessários pontos de referências. Sob pena de ficarmos perdidos como baratas tontas sem saber para onde o nosso passado e o nosso presente estão apontando.

Ao vermos como a nossa realidade sócio-econômico-espiritual está, a primeira pergunta que nos vem à cabeça é: “Por que é que está assim?”

Não podemos parar, de pelo menos, tentar explicar esse porquê, ou esses porquês.

Não acharemos uma resposta absoluta, mas cada um pode contribuir com sua parcela de explicação, para compreender melhor a vida e, quem sabe, até prevenir sofrimentos inúteis no futuro.

Alguns estudiosos dão respostas sobre a ordem social violenta e desumana em que vivemos, dizendo que é por causa da demografia – superpopulação, ou causas econômicas – má distribuição de renda; outros preferem afirmar que a violência é consequência da falta de policiamento ostensivo na rua, ou falta de uma lei eficaz de desarmamento da população. Outros ainda afirmam que a impunidade é a grande culpada, ou o crescente uso de drogas, que desemboca no aparecimento de “verdadeiros” impérios de narcotráfico e junto com eles o crime organizado. Todos têm contribuições a dar na busca de causas e soluções.

Pensando assim, apresento minhas reflexões e estou consciente de que representam uma faceta dessa complexidade, na esperança de que elas possam ajudar a compreender o todo.

Enquanto a Europa levou cerca de trezentos anos para fazer sua revolução industrial, passando lentamente pelas fases de amadurecimento psicossocial, assimilando todas as transformações de forma bem gradual, nós aqui no Brasil fizemos a nossa em um período muito curto, cerca de trinta anos aproximadamente. Entre as décadas de 30 e 60 mais ou menos.

É humanamente impossível assimilar as radicais mudanças psicossociais que ocorrem nesses períodos de transição, em que quase tudo passa a ser novidade de uma hora para outra. Adaptar-se ao novo torna-se uma questão, quase que, de vida ou de morte.

Saímos de uma vidinha simples do campo, do meio rural, para vir para a cidade em busca do mitificado emprego.

O emprego tornou-se um mito tão despótico que muitos acreditam piamente, até os dias de hoje, que são incapazes de sobreviver sem ele.

Dependência pura. Embotamento de inteligência que a globalização predatória se incumba de desmistificar, exigindo cada vez mais a competência individual capaz de criar, inovar e empreender. A chamada economia informal revela a todo instante tais talentos individuais. Necessidade de sobrevivência.

Era preciso urbanizar. Viver na roça já não dava mais “status”.

Aquela vida de plantar para comer, criar para comer, não tinha mais sentido. A cultura de subsistência entra em decadência. O êxodo rural era um fenômeno visível.

A desvalorização da vida do homem do campo chegou a tal ponto, que, na década de 60, quando queríamos xingar alguém, era só chamá-lo de roceiro. Era o maior desvalor que se podia impingir a uma pessoa.

Será que era intencional essa desvalorização?

As indústrias que estavam chegando ao Brasil tinham energia em abundância, matéria-prima em larga escala, mas não tinham a mão-de-obra. Logo, fomentar o mito do emprego e desvalorizar o trabalho rural seria uma ótima idéia para se formar um contingente de mão-de-obra excedente, que por consequência baixaria o seu preço.

Caímos como patinhos em nome do progresso e do desenvolvimento.

A família pede socorro

Deixamos aquela vidinha alicerçada nas referências familiares, no aconchego afetivo, e viemos urbanizar, favelizar, morar em cubículos e andar em latas de sardinhas à guisa de transportes coletivos.

Tudo por um mísero salário, que cinicamente é chamado de mínimo.

O preço que pagamos foi o da desestruturação familiar.

Agora, o pai é obrigado a deixar sua casa e partir em busca do tal emprego. Em pouco tempo a mãe se viu obrigada a ir à luta para ajudar no orçamento doméstico, cada vez mais em déficit com as necessidades novas de uma sociedade consumista por excelência.

E quem ficou com os filhos? Quem lhes passaria as referências afetivas?

Estamos falando dos grandes centros, das grandes metrópoles, onde se é obrigado a tomar duas ou mais conduções para ir e voltar ao local de trabalho.

Esses pais saem de suas casas de madrugada, e voltam à noite, exaustos e com um enorme problema – um sentimento de culpa por estar cada vez mais ausentes da vida familiar. Culpa que lhes rouba a autoridade de educar os filhos privados de suas presenças afetivas e a crescerem sem um mínimo de educação, quase que, totalmente sem limites.

Limites que, mais e mais, esses filhos do abandono vão encontrar numa overdose, num poste, onde abalroam suas motos e carros, ou numa penitenciária, geralmente para os de menor condição socioeconômica.

Esses pais, ausentes a semana toda, transformam-se em pais de final de semana, quando, na tentativa de aplacar suas culpas, dão tudo que a sociedade consumista tem para oferecer aos filhos, para não magoá-los mais. “Coitadinhos!”.

Com quem os filhos ficaram? Repito.

Os pais mais abastados tentam terceirizar a educação deles por meio de serviços, que afetivamente não lhes dizem respeito.

Os pais marginalizados economicamente, na maioria das vezes, deixaram em casa uma criança de dez anos, que toma conta de uma de oito, que toma conta, por sua vez, de uma de cinco.

Crianças que são, desde cedo, obrigadas a sobreviver sem a presença das pessoas que, em princípio, seriam a fonte segura de referências afetivas para toda sua vida.

Inseguras, numa sociedade complexa, as crianças tentam entender o que é ser um ser humano. Os contatos com os pais são mínimos, pois estão

dormindo, quando os pais saem para o trabalho, e estão dormindo, quando retornam. Isso, quando não optam por viver pelas ruas às suas próprias sortes, na maioria das vezes, fugindo dos maus-tratos dos pais, que, frustrados com a vida, os espancam diuturnamente.

Onde e com quem eles aprendem a estruturar sua humanidade?

Quais são suas referências de valores humanos? Insisto.

O que lhes vai servir de matéria-prima na construção do caráter?

Que tipo de informação formará o imaginário dessas crianças?

O imaginário, que poderíamos chamar de forração filosófica (conjunto de conceitos e preconceitos adquiridos ao longo da vida), é o pressuposto básico para se desembocar na ética ou modo de ser de uma pessoa. Essa forração é a base ou alicerce, onde se poderá edificar uma vida humana com boa qualidade.

A babá eletrônica

Nos últimos 45 anos esta resposta ficou restrita a quase que somente um item – a TV –, porque a outra possibilidade viável, a escola, se tornou o caos que hoje conhecemos tão bem.

A TV, chamada também de babá eletrônica, monopolizou a fonte de referências na formação educacional de tal forma que as próprias escolas têm-na como fonte inspiradora, apesar de afirmarem que não. Não se pode negar o óbvio poder da mídia na formação e manutenção das opiniões.

A professora, que dá suas aulas, toda fagueira, veste-se como a protagonista da novela das oito. O professor adapta seus trejeitos aos trejeitos do galã da mesma novela. É a cultura “novelística”.

E nunca se viu tanta violência, a qualquer hora do dia, quanto se viu nos últimos quarenta anos, confortavelmente acomodados em nossas poltronas da sala de TV.

Alguns, ingenuamente, argumentam que a violência sempre existiu e é própria dos seres humanos. Quem discute isso? Obviamente ninguém, pois a história do homem neste planeta se resume numa história de milhares de guerras.

Mas em toda história humana, jamais se tiveram notícias de tamanha influência do pensamento beligerante, da banalização do crime, da apologia à esperteza, apologia ao antiético, e da displicência na educação dos filhos quanto nas últimas quatro décadas. O mundo torna-se pequeno demais diante da rapidez e eficiência da mídia. Assistimos a guerras, que estão acontecendo do outro lado do mundo, ao vivo e em cores, confortavelmente sentados com as crianças nas nossas poltronas, comendo pipocas com refrigerante.

A nossa inconseqüência resultou num preço caro por demais.

Uma criança não sabe distinguir ficção de realidade, se alguém não tiver a disposição de lhe ensinar. Aliás, encontramos, facilmente, adultos que não sabem essa diferença.

Quantas vezes abrimos o jornal, ou mesmo vemos nos programas de TV, notícias de atrizes ou atores, que, por fazerem papéis de vilãs ou vilões em novelas, são atacados por pessoas adultas em locais públicos. Como exemplo, podemos citar a atriz Deborah Secco, da Rede Globo, que foi agredida ferozmente (segundo ela mesma em uma entrevista no programa do Jô Soares) por uma dona de casa, num supermercado, porque ela fazia, com competência, uma personagem vilã chamada Íris, da novela *Laços de Família*, que foi ao ar no ano 2001. Essa confusão entre a ficção e a realidade ainda é muito comum em adultos mal informados e facilmente influenciáveis. Que se dirá das crianças sem um mínimo de orientação?

Faz mais de cinquenta anos que a TV faz parte da vida cotidiana da família brasileira, e a nossa relação com ela ainda é um misto de magia e mistério. As pessoas comuns não conseguem decodificar suas inúmeras linguagens.

Imagine uma criança, que está em pleno processo de construção de seu imaginário, desenvolvendo seu sistema de valores e assistindo, sem orientação adequada, a um filme cujo mocinho não mata menos de trinta pessoas, e com requintes de crueldade, ou assistindo a uma cena de estupro tão comum em qualquer horário da programação televisiva, ou ainda, a cena de usuários de drogas na hora em que as estão utilizando...

Deu para fazer uma idéia do que essa criança terá em sua mente quando for uma pessoa adulta. Provavelmente estará povoada de tais cenas carregadas, inconscientemente, de imprevisíveis significados.

Que se diria de pais que servissem, para seus filhos comerem, comidas estragadas? Que se deve dizer, então, de pais que permitem, displicentemente, que os filhos se alimentem psicologicamente de cenas impróprias para sua capacidade de compreensão? Quantos pais, que você conhece, se preocupam com as advertências que as emissoras colocam num cantinho da tela, ao iniciarem uma nova atração, indicando as idades próprias para se ter acesso àquele tipo de programa? Agora, dos que se preocupam, quantos seguem as instruções, não permitindo às crianças assistirem aos programas impróprios para suas idades? Você deve estar percebendo que o assunto é mais complicado do que parece.

É exatamente por não darmos importância a isso que nossas crianças são educadas, assimilando cenas que elas não conseguem decodificar, ou terem um senso crítico bem - formado para compreendê-las e se preservarem do mal que essas cenas possam lhes causar.

O culto ao fora da lei

Os super-heróis desse período têm perfis psicológicos semelhantes. Todos apresentam um elevado grau de crueldade; são cínicos, corruptos, instáveis emocionalmente, insensíveis, perversos ou psicóticos.

Um dos filmes mais veiculados em horário da tarde, portanto de fácil acesso a essas crianças, cujos pais estão trabalhando e não podem atuar como orientadores, é *Um tira da pesada* com o ator Eddie Murphy. Esse filme, como muitos e muitos outros, é uma verdadeira apologia à corrupção e decadência dos valores humanos. Do início ao fim, é um festival de subornos, desrespeito às leis, assassinatos, invasão de domicílios, mentiras, roubos etc. Ao final do filme, os menos avisados acharão que é o suprassumo do comportamento humano o exemplo do personagem que corrompe a polícia de Beverly Hills. É considerado um filme inocente e engraçado, como tantos outros que se veiculam em sessões no horário da tarde.

A displicência e a falta de espírito crítico é tanta que, quando tocamos nesse assunto, as pessoas dão de ombros e dizem que é exagero de nossa parte.

Por que será, então, que o índice de criminalidade, na infância, nos últimos anos tem aumentado tanto? Será que os pais ou professores estão ensinando as crianças a agirem dessa maneira? Com quem estão aprendendo a ser o que são?

Matar dá status?

Certa vez, fui visitar um amigo. Ao entrar em sua casa, notei cinco ou seis crianças, que se divertiam em frente a uma TV ligada a um videogame. O garoto que estava jogando parecia estar hipnotizado. Na tela da TV duas personagens se espancavam de voar sangue por todos os lados.

Quando a criança, com seis anos, que estava jogando percebeu que eu estava olhando para ela, sentiu-se orgulhosa e disse: “Olhem aqui que eu vou dar um mortal combate, agora! Prestem atenção!”.

A cena era tão significativa que eu não sabia o que olhava primeiro, se o menino que jogava, se os outros quatro que torciam, ou se olhava para a tela, onde a violência era o espetáculo.

Confesso a minha perplexidade. Crianças que não sabem distinguir ficção de realidade, envolvidas, emocionalmente, daquela maneira.

De novo ele nos pede atenção, freneticamente, dizendo que vai dar o tal do golpe mortal.

Então, a ação daquele menino de seis anos, ao apertar um gatilho, faz um dos personagens enfiar a mão no peito do adversário e arrancar-lhe o coração sangrando, fazendo-o cair já como um esqueleto.

É preocupante a reação dos meninos que torciam. Pulavam e diziam histéricos à moda americana: “Yesss!”. E completavam com exclamações como: “Ele é uma fera! É o bicho!”.

Percebi que eram elogios ao jogador, que, cheio de orgulho, se sentia o grande vitorioso.

Preocupado com as conseqüências da cena que acabara de ver, observei ao pai da criança: “Meu Deus, um menino, em tão tenra idade, em plena formação de seu imaginário, quando, por sua ação, mata, ele é aplaudido pelos coleguinhas!... Que será que está acontecendo com sua mente agora?”.

Se alguém não se der o trabalho de esclarecê-lo, esse menino vai, naturalmente, assumir, como um valor de sustentação social, o ato de matar. Para ele, matar passa a ser um valor, porque dá status. Quando se mata se é aplaudido; portanto, matar é bom.

Tente fazer uma projeção das conseqüências disso, e compare com o que está acontecendo com os níveis de violência, principalmente a violência infanto-juvenil, da nossa sociedade.

Não venha com respostas que jogam toda a culpa no uso de drogas e no envolvimento com o tráfico de drogas, porque isso já existia há algum tempo e se acentuou defendendo um mundo de paz e amor.

O que estou querendo dizer é que a predisposição para a violência está, cada vez mais, perdendo seus freios, por todos os motivos já citados anteriormente, mas principalmente pelas referências de comportamento dos super-heróis e mitos de hoje.

A escola que era um local seguro, atualmente se tornou um lugar de riscos imprevisíveis. Cada dia mais se vêem crianças que matam seus colegas por motivos insignificantes. Não importa a classe social a que pertençam.

Às vezes, o motivo é porque o outro o chamou de baixinho. Esta é a sociedade competitiva, que não admite perdedores. Por qualquer arranhão na auto-estima do indivíduo ele vai até as últimas conseqüências para não se sentir um perdedor.

Alguns ingênuos defendem os brinquedos violentos, dizendo que são bons para que as crianças elaborem suas agressividades. Interpretação equivocada de quem não conhece psicologia. Como é possível elaborar violência por meio da violência? Só na cabeça de quem disse a frase “Se queres a paz, prepara-te para a guerra”. Nessa hora temos que nos lembrar de Gandhi, que dizia: “Se queres a paz, prepara-te para a paz”.

Já não se fazem elogios
como antigamente

O assunto é tão sério que a influência da cultura da violência se observa na linguagem das crianças, dos jovens e até dos não tão jovens assim.

É na linguagem que se percebe o conjunto de valores que sustentam uma pessoa na sociedade. Basta prestarmos atenção na adjetivação dela, que pelo menos uma vaga idéia teremos a respeito do que vale para ela, do que tem sentido para ela.

Os jovens, quando querem elogiar, viram para você e dizem gírias como: “É fera! É o bicho! É animal!” Bordões repetidos a gosto do consumidor nas narrações esportivas, shows e novelas da TV.

Quando alguém chega para o outro e diz que comprou alguma coisa de valor para si, por exemplo, um par de tênis, o outro para elogiar diz: “É ‘violento’, cara!”.

Violento é um elogio de primeira linha. E quando se faz uma coisa bem-feita e valiosa, a maneira correta de elogiar é dizer: “Meu, você matou a pau, cara!”.

Matar a pau é um grande elogio, portanto, um valor para eles. Nada a ver com o que significava no passado, quando matar a pau significava matar dando cacetadas ou dando pauladas.

Um jovem foi visto na TV brasileira, ao vivo, matando o outro a pauladas, no Estádio Pacaembu, numa final de futebol júnior entre os times do São Paulo e Palmeiras, em agosto de 1995. Doze anos de cadeia foi a pena.

Quantos jovens fazem bombas caseiras na intenção de levá-las para estádios e jogá-las em quem eles nem ao menos conhecem. Violência gratuita contra outras pessoas só pelo fato de elas torcerem pelo outro time.

Uma experiência marcante em minha vida foi quando fiz uma palestra para pais de alunos, alunos e professores, em uma determinada escola, e me vi diante de uma situação um tanto quanto delicada.

Ao encerrar a palestra me dirigi à mesa para tomar um pouco de água. O público ia se retirando, os professores e a diretora da escola iam acompanhando alguns pais até o portão de saída. E eu, tomando minha água, percebi que, em vez de sair como os demais, vinha para meu lado o que eu pressupus que fosse uma gangue de uns seis ou sete rapazes, vestidos a caráter – bermudas até o meio da canela, bonés com o bico para trás, cabelos espetados e coloridos, coletes sem mangas amarrados com um cordão ao pescoço e óculos escuros, que me dificultavam saber se vinham por bem ou por mal. “Os olhos são os espelhos da alma”, dizem.

Sabe como são aquelas intuições que sentimos? Pois é, não dava para sentir. E o que fiz foi me pôr-me a orar.

Medo? Sim. Absolutamente normal.

Somos contaminados por idéias preconceituosas diante de tudo que se ouve falar sobre as tais gangues e os perigos que elas representam.

Na hora aflitiva não pensamos que as mesmas, na verdade, são as maneiras que os jovens, na sua insegurança, encontraram para sobreviver num mundo predatório como o nosso. É um retrocesso ao período da infância da civilização em que vivíamos em hordas para vencermos o predador. É, na maioria das vezes, um pedido de socorro, para que alguém lhes ajude, apontando um sentido para suas vidas. Por isso, são tão vulneráveis e influenciáveis, facilmente se tornando joguetes nas mãos dos mais espertinhos ou mais violentos, que lhes manipulam a vontade para tirar algum proveito. Geralmente se tornam peões no jogo de xadrez do narcotráfico. Por pura falta de perspectiva melhor.

Crueldade passou a
ser um valor?

A água no copo tremia em minha mão, enquanto observava o maior deles, presumivelmente o líder, pois vinha à frente dos outros, que andavam em formação como pássaros migrando no inverno.

Quando o líder chegou bem próximo a mim, pude perceber melhor o seu porte de jogador de basquete.

É fácil a gente ser humilde nessas horas!

Eu o olhava de baixo para cima e ele me olhava de cima para baixo. Bem de cima, mesmo!

Então, ele disse com voz grave: “Meu, seu discurso é ‘cruel’, cara!”.

Eu não entendi nada, e perguntei ao outro que estava passando logo após: “O que ele queria dizer com aquilo?”.

Eles não gastam mais que, no máximo, duas palavras, para se expressarem.

Disse-me o outro: “Maneiro!”.

O próximo disse: “Da hora!”.

E eu continuava sem entender nada. Quando mais um ao passar falou: “Dez!”.

Aí começou a clarear o meu entendimento, porque dez, no meu tempo, era a maior nota que se podia tirar. Pensei então comigo mesmo: “Eles devem ter gostado e estão me elogiando...”. Enquanto eu pensava, o último deles passou, com uma cara de poucos amigos, e disse em alto e bom som: “Sóóóó...!”. E saiu acompanhando os outros a passos largos.

Nunca vi tanta riqueza de sentidos na palavrinha “só”.

Quando dei por mim, após divagar sobre o acontecido, a diretora me convidava para um cafezinho com os professores. Aceitei, mas intrigava-

me pensar por que um jovem, quando quer elogiar, diz a palavra “cruel”. Será que a palavra “cruel”, para ele, tem o mesmo sentido de bom?

Para meu espanto, fui me inteirar do assunto e descobri que era exatamente isso o que a gíria queria dizer. Quando um jovem acha algo muito bom, ele diz que é “cruel” ou “irado”. Quando quer elogiar alguém, ele diz que a pessoa é o “cão” (demônio), ou o “cão chupando manga”, que tem o sentido de ser pior, em maldade – portanto, é “melhor” do que o cão, e por aí vai.

Está complicado?

Por isso não nos espanta mais saber que jovens, numa noite de sábado, na cidade de Brasília, compram dois litros de álcool para jogar sobre um mendigo e lhe atear fogo. Só para se divertir um pouquinho. Deram-se mal por ser, o suposto mendigo, um índio famoso. Os focos das câmeras interessados nas festividades indígenas denunciaram o fato mundialmente.

As escolas são os principais postos de suprimentos desses vocábulos ou expressões, pois é onde se pratica o que se aprende com os tais super-heróis do cinema e TV.

Outro dia, falando a respeito desse tema em outra comunidade escolar, uma garotinha com seus oito anos mais ou menos, acrescentou: “Ele é o cão chupando manga no asfalto quente!”.

O que mais eu poderia dizer a não ser: “Minha Nossa Senhora, valei-me na hora, se algum dia me encontrar com esse dito cujo!”.

Os anti-heróis

De onde as crianças e os jovens de hoje assimilaram essa maneira de pensar, se não nas referências de crueldades cometidas pelos seus ídolos ou super-heróis, cujos perfis psicológicos já foram citados acima? Super-heróis que estão presentes nas paredes de seus quartos em enormes pôsteres, aos quais fazem uma apaixonada adoração.

Essas crianças e jovens facilmente se confundem ao falar sobre os atores e os seus respectivos personagens.

Em outra ocasião, numa sala de aula conversando com os alunos de oitava série, perguntei-lhes o que eles achavam do Jean-Claude Van Damme, e as respostas começaram a pipocar: “Ele mata pra caramba!...”. “Ele é muito macho, porque não tem medo de enfrentar bandidos!...”. Respostas que demonstram, claramente, a confusão que fazem entre o ator e os personagens representados por eles nos filmes.

Os referenciais de como ser um ser humano nos nossos dias está mais para os personagens ídolos do que os atores que os representam.

Reportagens e mais reportagens não se cansam de apresentar que os jovens gostam de ir para bailes, não mais para dançar, mas, sim, para participar das pancadarias que “rolam soltas”, como dizem eles próprios.

Numa dessas reportagens, vimos, quando uma repórter perguntou a uma jovem de aproximadamente quinze anos, o que havia ocorrido com ela, por estar com uma cicatriz de três centímetros numa das faces, ao que ela respondeu num tom, como quem estava muito orgulhosa da cicatriz: “Isso foi um chute que eu levei num baile funk!”.

A cicatriz era, para ela, a marca de um valor de sustentação social. Ser violento é um valor e as marcas dessa violência são símbolos de bravura.

No futuro, a nossa geração será estudada como uma geração que ensinava, displicente e inconseqüentemente, aos filhos como se matarem uns aos outros, por meio de redes de televisão, que tapeiam as próprias consciências, dando de ombros e dizendo que os aparelhos podem ser desligados com um simples clique no controle remoto.

Não se esqueça de que estou falando de crianças que passam, a maior parte do tempo, com serviçais ou sozinhas, porque os pais tiveram que sair de casa para defender o sustento da família, num regime de escravidão, porém com os grilhões invisíveis no estômago, materializados pelos salários de fome, não mais visíveis nos tornozelos como no passado escravista.

E mesmo que os filhos passem um tempo maior sob os cuidados dos pais, não é garantia de sucesso na proteção contra esses referenciais televisivos a que eles estão expostos, pois a maioria desses pais é incapaz de fazer uma crítica como a que estamos fazendo agora, por não terem sequer tido a chance de ter completado o seu ensino fundamental.

E por mais ingênua que esta crítica, aqui apresentada, pareça ser, ela dá uma dimensão do que estou querendo dizer. Não dá mais para ficarmos de olhos fechados e passivos diante de posturas alienadas e alienantes, quando o assunto se tratar da educação dos filhos.

Nossa responsabilidade

Desse modo, a responsabilidade por esse estado de coisas é de todos nós, e temos que assumir a nossa parcela de culpa e trabalhar para superá-la, resolvendo os grandes problemas que criamos para a nossa sociedade passiva diante do poder mercenário da mídia.

É responsabilidade dos dirigentes e programadores dessas redes de TV, que enxergam apenas os cifrões em seus objetivos comerciais e nem de longe passam pelo que deveriam ser os objetivos centrais de uma concessão

estatal, quais sejam, a educação e o lazer, sadio e sem efeitos colaterais, para o povo. É pedir muito, ter um pouco mais de humanidade?

No dizer do grande médico, prêmio Nobel da Paz em 1952, Albert Schweitzer, “humanidade consiste em jamais sacrificar um ser humano a um objetivo”. Que objetivo terão as crianças, cujas mentes são contaminadas e deterioradas por tais referências de seres humanos?

Tais dirigentes escondem-se sob o manto da liberdade de expressão e nos fazem engolir, em horários que vão das primeiras horas do dia até altas horas da noite, todo tipo de perversões mentais e distorções da realidade como que dizendo tratar-se de obra de arte.

E o que passa na telinha mágica tem força de verdade mesmo não sendo, graças ao fascínio que provoca num povo que tem nela sua única fonte de lazer, às vezes, através de um vidro de vitrine de alguma loja. Bons livros, teatro, concertos não fazem parte do lazer da maioria da população. Portanto, não sabe nem o valor que tais coisas têm.

É responsabilidade dos pais por se alienarem completamente do processo educacional dos filhos, chegando, às vezes, a nem sequer participar das reuniões ou confraternizações convocadas pela diretoria das escolas, que tentam num esforço hercúleo promover a presença dos pais, na esperança de se formarem parcerias com o objetivo de contribuírem na educação e formação dos alunos. Isso seria o mínimo exigido para que esses pais soubessem que tipo de informações seus filhos recebem na escola.

Meu filho, um estranho

Há pais de alunos que nem sonham com o que sente um filho deles, quando não vão a essas reuniões.

Já tive oportunidade de chegar à determinada escola, para palestrar, e encontrar meninos de oito ou até doze anos aos prantos. Perguntando à diretora o motivo do choro, ela disse: “É porque os pais dele não vieram à reunião ontem à noite, e os coleguinhas estão ‘fazendo hora’ com a cara dele.”.

Percebe-se facilmente o quanto essa presença dos pais na vida escolar dos filhos é importante. Tanto que, quando faço tais palestras para os pais, durante o horário normal de aulas, o que mais se nota é a presença dos alunos à porta tentando localizar a presença dos seus pais. Arranjam desculpas dizendo aos professores que vão ao banheiro, mas o que querem mesmo é checar a presença dos pais. Quando os localizam, seus olhos brilham e saem dizendo para os colegas alegremente: “Os meus pais vieram, cara! Legal, né?”.

São essas pequenas coisas que possibilitam um indivíduo estruturar-se melhor e ser mais feliz. Coisas que não se podem comprar no variado cardápio de uma sociedade consumista.

Uma lição de onde menos se espera

Minha vida nunca mais foi a mesma, depois que, ao lado de uma psicóloga, participei de reuniões com menores infratores. Crianças, frutos de uma sociedade perversa e egoísta, têm que “se virar” para ter os seus espaços conquistados, mesmo que para isso tenham que roubar e matar como suas referências “hollywoodianas”.

Oportunidades ricas em aprendizados e sentimentos variados tornaram-se aquelas reuniões.

Os jovens reuniam-se para conversar, tomar um lanche, enquanto cabia a mim exibir-lhes filmes educativos sobre vários temas, como higiene, saúde, família etc. Eram em número de nove jovens com seus treze para quatorze anos aproximadamente.

Havia um líder entre eles, que comunicava seus comandos, sutilmente por meio de gestos e de símbolos. Esse líder era um rapaz de quatorze anos, magro por causa das drogas, seco afetivamente, e muito violento em suas maneiras, para impor e preservar o seu poder.

Certa noite ele não compareceu à reunião, e perguntei a seus colegas por que ele não viera. Eles disseram que era porque ele não mais queria saber daquilo. Então lhes perguntei onde ele se encontrava e eles disseram o local possível onde estaria. Não havia alternativa a não ser ir buscá-lo, pois a reunião sem ele – o líder –, pouco adiantaria.

Ao chegar ao local, conforme me disseram, encontrei-o encostado em um muro com os seus gestos característicos – olhar disfarçado por óculos escuros, dando a entender que não me notara a presença.

Aproximei-me e sem rodeios fui dizendo: “Vamos lá, menino? Já estão todos te esperando”.

Sua resposta foi fria: “Não vou mexer com isso mais não!”.

Para não confrontar, eu, admoestando-o, disse: “Vamos lá, cara. Você sabe que é muito importante para o grupo. Sem você o grupo nada decide”.

A frieza continuava transparente, meneou a cabeça negativamente e ficou do mesmo jeito que estava como quando eu ali cheguei – cabeça baixa desenhando com o dedão do pé na areia do chão. Reforçou o que havia dito: “Tô mais a fim, não!”.

Eu, ali, olhando para aquele menino franzino, mas que metia medo em quem o conhecia, pensava com os meus botões: “Será que esse moleque sabe o porquê que ele optou por este tipo de vida?”.

E na ânsia por saber a resposta, perguntei a ele: “Meu caro, você sabe por que você está nesse tipo de vida?”.

A pergunta foi para ele como se lhe desse um soco no estômago. E levantando a cabeça tirou os óculos pela primeira vez e crivou o olhar nos meus olhos dizendo: “Esta é a vida que sobrou para mim!”.

Quase intimidado pelo olhar fulminante, é raro e muito significativo uma pessoa assim te olhar nos olhos, retruquei: “Você está sendo injusto com a vida.”.

Ele, mudando o tom, esbraveja: “Que vida, cara? Que vida?”.

Para tentar segurar o argumento eu disse: “Se você não está sendo injusto com a vida, no mínimo está sendo com os seus pais...”.

Mais que depressa ele, rangendo os dentes: “Não tenho pai!”.

Eu disse: “Como não? Conheço seus pais e já conversei com eles”.

Ele me surpreendeu dizendo: “Aquilo não é pai!”

Ai eu perguntei: “Por que você chama seu pai de aquilo, e diz que ele não é seu pai?”.

A minha surpresa ficou maior com a resposta. Com a voz trêmula e o dedo em riste próximo ao meu nariz, disse: “Um pai que é pai de verdade, cara, se um filho passa dois ou três dias fora de casa, o mínimo que este pai faz é perguntar onde você estava, com quem estava e o que você estava fazendo...”.

Foi quando eu percebi que o todo-poderoso das ruas queria “colo”.

Dava vontade de pegar o marmanjo no colo e dar o carinho e a proteção que a família não deu. Mas seria agressão na certa, pois ele queria era o carinho dos pais. E será que, àquela altura, havia passado da hora? Só Deus o sabia!

A última pergunta que fiz foi: “Então, é isso que você queria? Pais que se preocupassem com você, que te dessem segurança?”.

Ele, com os olhos prenunciando lágrimas, disse em tom de lamento – coisa que jamais eu poderia esperar por parte dele, que era o temível líder das ruas: “Quem ama cuida! Quem ama se importa!”.

Nós dois passamos um tempo ali, comovidos...

E depois, ele, recuperando a postura de sempre, afastou-se sem se despedir, provavelmente se sentindo envergonhado por ter revelado seus desejos recônditos. Eu, olhando-o lentamente se afastar até que se encobriu nas sombras, ainda fiquei ali uns instantes, refletindo sobre o tipo de gente que a sociedade trancafia nas instituições caducas e ineficientes para menores infratores, que nada mais são que exames vestibulares para se ingressar tais seres humanos, vilipendiados desde que nasceram, nas universidades do crime – as penitenciárias.

Um pouco de boa vontade

É freqüente ver pais queixando-se de que é muito difícil retirar os filhos da frente da TV e que por isso não conseguem estreitar suas relações com eles. A resposta é quase sempre a mesma: será que realmente desejam tirá-los da frente da TV?

Quando se quer realmente se consegue. Basta predispor-se a “perder” (ou ganhar?) um tempinho e chamá-los para bater uma bolinha na garagem, ou para dar umas voltas de bicicleta na praça. É de se duvidar que uma criança recuse um convite do pai, que o chama para brincar.

E alguns pais poderiam justificar que o mundo de hoje, apressado do jeito que é, não nos permite passar, como antigamente, 24 horas com os filhos.

Há que se concordar e até dizer que em alguns casos, os filhos não tolerariam os seus pais por se tratarem de umas “malas sem alça”, para usar a linguagem da galera miúda.

Dominadores à cata de gente para dominar. Autoritários que só fazem cobrar, e reclamar...

Diga-se de passagem, se são autoritários é porque não têm autoridade. A meninada de hoje, em sua maioria, não aceita mais isso.

Se não dá para passar um tempo longo com os filhos, é necessário passar um tempo menor, mas rico em qualidade afetiva capaz de estruturar em seus corações a presença simbólica, que é a mais importante. Mesmo depois da morte, ela permanece indelével na lembrança deles.

Há pais que passam dez minutos com suas crianças, mas a qualidade da relação é tão intensa que se nota, pelo brilho dos olhares, sentimentos de verdadeira adoração mútua. Há um clima de cumplicidade no ar.

Pais que são viajantes e passam um longo tempo fora de casa, mas estão presentes diariamente pelo telefone ou por pequenos gestos que denunciam essa presença, tais como, comprar em cada cidade que passam pelo menos um bombom para levar para os filhos e esposa, que percebem que nem que seja só na hora da compra o pai estava pensando neles. Nessa hora a família cria seus laços de afetos com tamanha força que não é qualquer traficante de drogas que vai conseguindo desatá-los e esgarçar o tecido afetivo que protege essas pessoas.

É com amor e alegria que se constroem seres humanos, em que o sentimento de humanidade é tanto, que fica fácil transcender as dificuldades do caminho e atingir os objetivos almejados.

Responsabilidades

Não lembro mais se li em algum livro, ou se ouvi de alguém, um caso interessante que me serviu, e continua servindo, como guia de comportamento nas mínimas coisas que venha a fazer na vida. Minhas humildes desculpas ao autor.

Responsabilidade é coisa séria.

Era mais ou menos assim o conteúdo do caso: um homem havia morrido. E sua alma, chegando ao outro lado da vida, encontrou-se com o recepcionista que já o aguardava. Depois das apresentações, o recepcionista, folheando um fichário sobre a mesa, selecionou a ficha que pertencia ao recém-chegado. Olhou-a e começou a lê-la. Seu cenho foi ficando cada vez mais grave, até que o homem curioso não resistiu e perguntou: “De que se trata? É bom ou ruim?”. O recepcionista meneou a cabeça e falou: “É, meu amigo, aqui na sua ficha diz que você assassinou quarenta pessoas lá na Terra...”.

Espantado o “morto” retrucou: “Deve haver um enorme engano, pois eu nunca matei nem sequer uma formiga, quando vivo”.

Reafirmou o outro, calmamente: “Pode ser, mas aqui o serviço é cem por cento correto.”.

O “morto” insistia: “Então, dessa vez, vocês se enganaram feio!”.

O jeito foi então procurar alguém, mais graduado para resolver o impasse.

Encaminharam-se, então, para uma sala, enorme que ficava ao lado, onde, um homem de semblante grave, porém sereno, digno de um sábio, aproximou-se solícito, perguntando: “Em que lhes poderia ser útil?”.

O recepcionista explicou o que estava acontecendo. O sábio tomou a ficha nas mãos e analisando-a, por alguns instantes disse: “Não há erro algum em sua ficha. Ela está correta.”

O “recém-morto”, confuso, disse: “Das duas, uma, ou eu matei quarenta pessoas, e nesse caso eu, além de morto, fiquei maluco; ou vocês é que são todos malucos, e aí o problema é de vocês, eu não posso fazer nada, sou novato aqui.”. O sábio sorriu, amorosamente, e falou: “Deixe-me explicar-lhe o que aconteceu, demonstrando por meio do ‘regressor de memórias’. Por favor, me acompanhe.”.

O recepcionista despediu-se e retornou à portaria, enquanto o confuso morto seguia os passos daquele calmo e sereno senhor. Entraram numa outra sala, onde uma cadeira, estilo futurista, se encontrava diante de algo parecido com uma tela de cinema. Convidado a sentar-se nela, o “morto” aceitou, receoso. “Relaxe!”, disse o sábio.

Ao se relaxar, percebeu que o sábio lhe impôs as mãos sobre a cabeça.

Daí a instantes, começou a ver na grande tela, à sua frente, imagens nas quais se via numa manhã, ainda vivo, levantar-se da cama, mal-humorado e resmungando com sua esposa algo sobre desperdício de dinheiro...

A esposa defendia-se como podia. Aos gritos e batendo portas, ele se viu saindo de casa rumo ao trabalho.

Estava soltando fogo pelas ventas de tanta ira. Tomou o ônibus, criou caso com o trocador, esbarrou bruscamente numa senhora que estava de pé, resmungou, e resmungando foi até chegar ao seu local de trabalho, onde se indispôs com o seu encarregado, não cumprimentou seus colegas de trabalho, trocou de roupas sem dizer palavra e pôs-se a trabalhar junto ao seu torno mecânico, onde fazia parafusos de segurança para veículos.

Com raiva do mundo, percebeu, ao fazer um dos parafusos, um defeito na estrutura interna do material que o constituía. Ao invés de refugá-lo como deveria fazer, observando as normas de segurança, cego de raiva, considerou-o como bom para uso. Pensou: “Pelo salário de miséria que eu ganho, está bom demais...”

Assustado com o que via e revivia na tela, o confuso morto percebeu o significado da responsabilidade – responder pelo que faz, ou deixa de fazer.

Viu o parafuso, aparentemente perfeito, que, pela experiência de muitos anos, sabia que estava defeituoso, ser vendido para uma empresa de transportes coletivos, que o utilizou no sistema de direção das rodas de um de seus ônibus de viagem.

As conseqüências foram trágicas.

Numa curva, esse parafuso partiu-se ocasionando um acidente com o ônibus, que transportava 45 pessoas para uma excursão. Sobreviveram cinco pessoas, quarenta vieram a falecer, na hora, ou depois de algum tempo em hospitais, onde tudo se fez para tentar salvá-los.

Nesse instante, a confusão do “recém-morto” desfez-se e um calafrio percorreu-lhe a espinha. “Ah! Meu Deus que foi que eu fiz?”.

Responsabilidade é coisa séria, repito.

Após saber disso, mesmo que você, leitor, não acredite em vida após a morte, deve ficar se perguntando: “Será que, inconscientemente, eu já tomei atitudes que, porventura, se tornaram causa direta ou indireta de transtornos a outrem, ou quem sabe, até da morte?”.

Uma suposição

Vamos supor que você fosse um dos políticos corruptos, que só pensasse em si e nos seus, desviando as verbas públicas e depositando-as em suas contas nos paraísos fiscais para usufruir delas durante ou após o seu mandato. Verbas essas, que têm, em princípio, sempre um destino – o

bem-estar de todo povo, que as geraram, constituinte de uma nação. Eu disse todo povo, sem exceção.

Se você desviasse a verba que fosse destinada, por exemplo, à saúde...

Tente fazer uma idéia de quantas pessoas você estaria “matando”, em portas de prontos-socorros e hospitais.

Crianças e velhos que morrem à míngua, por falta de atendimento, pois a verba, que era para pagar mais médicos, pagar os remédios salvadores, pagar as cirurgias de urgência etc., está numa de suas contas nos paraísos fiscais.

Acreditar ou não numa punição futura, após a morte, não o isenta de ter que viver sabendo que mortes estão acontecendo por sua culpa, nesse exato momento, enquanto está lendo.

E não só as mortes no seu sentido literal, mas mortes intelectuais, quando desvia as verbas destinadas à educação.

Crianças que serão privadas de continuar seus estudos, por não terem condições de custeá-los, podem se enveredar pelo mundo do crime e matarem ou morrer.

Tudo porque a verba está na sua conta, guardadinha, esperando para ser desfrutada.

Pode não ter o alcance do que estou lhe dizendo agora, e cinicamente dizer que a quantia que desvia não faria diferença nenhuma por ser uma gota d’água no oceano. Pode dizer, dando de ombros: é apenas uma viagemzinha de férias com minha família no carro oficial, usando o carro e o combustível pago pelo contribuinte. É comum e vem de longa data essa prática. Não vai fazer falta, não! Você pode pensar: “Se eu não me aproveitar das facilidades, outro o fará.”

Só o fato de você pensar assim já é um sinal de que você “se tocou”, pois quem tenta justificar é porque tem a consciência lhe pesando e exigindo explicações. Já se sente como um assassino, e percebe o que queria dizer sobre o que é responsabilidade.

Espero que a minha suposição fique só nela e que você não tenha que viver com o pesadelo de ser um assassino da pior espécie que existe – aquele que mata covardemente sem olhar nos olhos de suas vítimas, sem ao menos conhecê-las.

Não há regra mais sábia para se seguir e ser bem-sucedido, do que a que os grandes mestres do passado, inclusive Jesus de Nazaré, mencionaram e vivenciaram: “Fazei aos outros, o que gostaria que os outros te fizessem”.

Por isso eles foram chamados de grandes mestres, o que equivale a dizer que foram e continuam sendo os referenciais de educadores por excelência.

“À medida que as companhias multinacionais intensificam sua busca global de recursos naturais, mão-de-obra barata e novos mercados, os desastres ambientais e as tensões sociais criadas por sua obsessão com o crescimento ilimitado tornam-se cada vez mais evidentes. Milhares de pequenas firmas são expulsas do mercado por causa do poder das grandes companhias, que obtêm subsídios federais para sua tecnologia complexa, absorvem vultosos capitais e consomem os recursos disponíveis. Ao mesmo tempo, necessitamos de serviços que exigem qualificações mais simples, como carpintaria, serviços de encanamento, alfaiataria e todos os tipos de trabalhos de conserto e manutenção que têm sido socialmente desvalorizados e seriamente negligenciados, embora continuem vitais. Em vez de recuperarem a auto-suficiência mediante a mudança de ocupações e o exercício de suas habilitações profissionais, os trabalhadores, em sua maioria, permanecem totalmente dependentes das grandes organizações; e, em períodos de crise econômica, eles não vêm outra alternativa senão apelar para o cheque do seguro desemprego e aceitar passivamente que a situação está além do seu controle.”

(Fritjof Capra)

Se você é uma das pessoas que sentem o que podemos denominar de “síndrome da música do Fantástico”, é melhor prestar atenção no que vou dizer: “Você pode estar infeliz com sua profissão, empresa ou colegas de trabalho.”

Quem é portador dessa síndrome?

É aquela pessoa que vai bem no final de semana até ouvir a famosa música do programa domingueiro Fantástico, da Rede Globo, quando bate uma depressão só de pensar que a segunda-feira está se aproximando. É o sinal de alerta para que você se faça uma pergunta: “Há algum sentido em continuar fazendo o que faço?”.

É grave, porque quem não se sente bem no trabalho, não vê sentido no que faz, ou quem não aprende a gostar do que faz, aos pouquinhos, vai minando sua saúde até que acaba criando as grandes enfermidades. Começa com uma dorzinha aqui outra acolá, e de repente é uma gastrite, ou uma enxaqueca só de pensar no seu local de trabalho.

É certo que nós carregamos nas costas o peso cultural em que o trabalho aparece, desde os primórdios dos tempos bíblicos, como um castigo.

O sentido do trabalho muda através dos tempos, mas permanecem as brincadeiras que o colocam, como algo frustrante ou até mesmo um fardo pesado que se tem que carregar.

Ao iniciar uma palestra sobre esse tema, quando falo a palavra “trabalho”, há sempre alguém na platéia que diz em alto e bom som: “Eu só queria descobrir quem é que o inventou.” Inocentemente pergunto: “Você gostaria de dar uma medalha para o inventor?” Todos, em coro, gritam a resposta: “Ele deveria ter morrido no ninho!”.

A história do trabalho dá-nos algumas respostas, que nos remetem aos sentidos que ele teve ao longo do tempo.

Para o povo hebreu

Para os hebreus, trabalho era uma resposta do pecado da desobediência, por isso tinha o sentido de castigo, de dor.

Adão e Eva viviam no Paraíso e tinham de tudo para suas vidas, mas uma restrição lhes foi imposta por Deus – não podiam comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Se a árvore era do conhecimento, então, antes de comer dos seus frutos era-se totalmente ignorante e inocente.

Foi uma mulher, a primeira a saborear (do latim *sapere* – saber, conhecer, ter sabor de) o fruto proibido. O que se esperava de uma sociedade patriarcal?

“E mulher é assim mesmo, não precisamos oferecer mais que duas vezes alguma coisa que ela pega mesmo, principalmente se for em três pagamentos...”, dizia, em tom de brincadeira preconceituosa, um amigo meu.

Brincadeiras à parte, se antes esse fato se tornava um peso para as mulheres responsabilizadas historicamente por perdermos o Paraíso, hoje a coisa muda de figura, pois a mulher passa a ser aquela que conquistou o ato de ser “sujeito” primeiro que o homem.

E isso está longe de ser uma desvantagem. Ao contrário, Eva é o símbolo mítico do grande salto qualitativo em que o homem sai da irracionalidade e entra no mundo humano propriamente dito. Quando Eva come o fruto do conhecimento e, imediatamente, se percebe nua, colocamos diante do momento mágico, quando podemos presenciar o instante inicial de uma relação de conhecimento, o nascer do sujeito, da autopercepção, da consciência do “eu” e, por conseqüência, a consciência da existência do objeto que é o “não-eu”, ou mundo.

Fica fácil notar que por meio do conhecimento tomamos consciência de que estamos no mundo e nele operamos, trabalhamos. A voz de Deus, que

diz: “Comerás o pão com o suor de seu rosto”, nada mais quer dizer que agora temos o conhecimento de que nós é que temos de buscar o alimento para a nossa sobrevivência, coisa que antes de comermos o fruto não sabíamos. Ponto para as mulheres que nos ensinaram a saborear o mundo, inaugurando a relação sujeito e objeto.

Para os gregos

Para os gregos – uma sociedade escravista – o trabalho manual era totalmente desvalorizado. Para eles o que tinha valor e que os faziam se aproximar dos deuses do Olimpo era a atividade teórica. Contemplar o “mundo das idéias” era, para Platão, o objetivo de todo homem de bem. O mundo intuitivo era imune de materialidade, portanto era superior. Para conseguir tal coisa tinha-se que praticar o ócio. Por isso sempre aparece o estereótipo do “céu” dos gregos (o Olimpo), ou seja, um lugar com alguém deitado sobre um divã comendo uvas que as servas lhe colocam delicadamente na boca, ao som de uma cítara.

O trabalho pertencia ao mundo comum, discursivo e contaminado pela matéria, portanto era inferior.

O escravo era aquele que perdia uma guerra ou devia para alguém e não conseguia pagar sua dívida, daí se tornava escravo do conquistador ou do seu credor.

Para os romanos

A palavra “trabalho” tem sua origem etimológica do vocábulo latino tripaliare, do substantivo tripalium, que era um tipo de aparelho de tortura constituído por três paus, (tri = três e palus = pau, poste, pelourinho). No tripalium os condenados eram atados, para receber o seu castigo. Outro tipo de tripalium era usado para apertar e torcer as vísceras do condenado após lhe abrirem o abdômen.

A palavra “trabalho” vem de um termo que dava nome a um aparelho de tortura, por isso a associação com sofrimento, castigo e dor.

A moral romana era a conquista. Os romanos conquistaram a Grécia e levaram para Roma as suas cabeças pensantes, que começaram a influenciar o povo romano com a idéia do ócio.

Para contrapor ao ócio dos gregos, os romanos criaram o conceito de negócio que era a negação do ócio.

Os escravos romanos, como na Grécia, eram os que perdiam numa guerra ou deviam e não davam conta de pagar suas dívidas, passavam por três etapas em seu aprendizado para se tornar um bom escravo.

A primeira etapa era a castração, em que morria o cidadão e nascia o réprobo. Condenado a não gerar mais descendentes.

A segunda era a domaçoão – era domado para ficar o mais dócil possível.

Na terceira, ele recebia o diploma – que era a marca com ferro quente em seu corpo.

Trabalho e liberdade

O trabalho associado à escravidão vem até a Idade Moderna, quando se nota um crescente interesse pelo trabalho em geral.

O regime feudal começou a se enfraquecer com o cultivo de terras e também graças à atitude empreendedora de muitos lavradores liberados da servidão.

As guerras constantes, que consumiam um grande contingente humano em idade produtiva, iam cessando. Mais gente produzindo fazia com que a produção desse para pagar os tributos aos senhores feudais. O excedente da produção era vendido nos burgos – cidadelas que se desenvolviam pela prática crescente do comércio.

O enriquecimento dos burgueses, vindos de segmentos dos antigos servos, permitia que comprassem a sua liberdade.

Trabalho, agora, passa a ter um novo sentido – libertação.

Ao falar do trabalho no sentido de libertação, nada mais significativo do que uma das maiores revoluções da história humana nesse planeta – a revolução feminina, que teve seu início modesto a partir da Revolução Francesa e se consolidou de fato nos últimos 120 anos.

Em aproximadamente um século a mulher, por meio do trabalho, dá uma reviravolta nos seus valores e papéis sociais.

A mulher sai de uma situação de quase total desvalorização no princípio do século XX, em que a sociedade patriarcal a relegava ao segundo plano, e adentra o século XXI, cada vez mais em evidência, conquistando posições de destaque no cenário do poder econômico-político mundial.

Ao final do século XIX e início do século XX, as mulheres não eram mais que bibelôs ao lado dos, assim chamados, homens de ferro numa ainda incipiente sociedade industrial. Tinham de ser mulheres “BB” – bonitas e burras –, ou se sujeitarem, com crianças, a jornadas de trabalho de até dezesseis horas diárias.

Inegavelmente, a mulher será sempre grata ao trabalho, que deu a ela o alicerce para sua sustentação social, e mostrar que era, é, e sempre será tão capaz quanto o homem de sustentar-se a si mesma e aos filhos.

Trabalho ou emprego?

“Trabalhar não é sofrer, mas progredir, desenvolver-se, conquistar a felicidade”.
(J. Herculano Pires)

Antes associado à escravidão, depois à libertação, o trabalho precisa agora se consolidar como justiça social e como sinônimo de felicidade. Esse é o sentido que cabe a nós edificar.

O desemprego é um dos assuntos que mais se comenta na mídia, nas conferências e bate-papos de esquina. Criou-se com isso um medo quase que patológico de perder o tão valorizado emprego.

Mas afinal, existe diferença entre emprego e trabalho?

Pelo que tenho observado, nesses últimos tempos, existe, sim e, cada vez mais acentuada.

A grande diferença entre o emprego e o trabalho está na atitude que se tem diante deles.

Para ser um empregado dentro do conceito que aqui quero utilizar, você não precisa de competência nem conhecimento, pode até tê-los, mas se é empregado, não os usa. Basta ser o prolongamento de uma máquina, como no filme *Tempos Modernos*, de Chaplin. Você é um apêndice da máquina, e pode ser perfeitamente substituído, quando apresentar algum tipo de defeito ou ser engolido por ela.

A atitude daquele que tem a mentalidade de empregado pode ser percebida pelo jeito de ele chegar à empresa e candidatar-se à vaga. Ele age como se quisesse “ganhar” de presente o emprego que é desejado por muitos. Por isso ele o pede como se fosse um mendigo, fazendo cara de coitado e tudo o mais a que se tem direito. Jura de pés juntos fazer tudo que o patrão quiser, e o faz dentro dos primeiros meses de contrato de experiência. Assim que o contrato termina, ele põe as mãos na cava, e passa a exigir os seus direitos, sem que se predisponha a cumprir os seus deveres.

E existem patrões que adoram “dar” o emprego, como se fosse uma grande caridade que estão fazendo para com o seu próximo.

O empregado é aquele que quer se manter nessa relação paternalista com seu patrão ou sua empresa.

Essas pessoas, tanto patrões quanto empregados, ainda não entenderam que os tempos mudaram e a postura há que ser outra.

Hoje nem se fala mais em patrão e empregado, fala-se em líderes empresariais e seus parceiros ou clientes internos ou ainda colaboradores.

São os novos tempos!

A cada dia temos consumidores mais conscientes que excluem dos seus desejos de consumo os produtos fabricados por uma empresa que não valoriza nem promove a dignidade de seus trabalhadores, bem como aquelas que não protegem nem preservam o meio ambiente, ou ainda que não participam de projetos sociais relevantes. A preferência do consumidor será daquela empresa que se apresentar cada dia mais cidadã.

Quem só quer o emprego, ao ganhá-lo, morre de medo de perdê-lo. Porque nunca o teve, foi-lhe dado. Fica sempre esperando a próxima lista de dispensáveis e pensando: “Dessa eu não escapo!” De tanto medo, passa a desdenhar a empresa e os colegas, dizendo que não está mais se sentindo bem naquele local... Pouco tempo depois estará fora.

Esse medo denuncia a incompetência do empregado que sabe que não tem boa vontade para crescer e aprimorar-se para seguir com seus companheiros de jornada. Acomodou-se como membro de uma sociedade alienada e alienante, que não sabe reivindicar o que é seu por direito.

Passa anos e anos sem pegar um livro sequer sobre sua área profissional. Fazer um curso? Nem pensar! Não posso perder o happy hour ou a cervejada na casa do amigo.

Qualquer novato que é contratado pela empresa representa uma ameaça ao seu comodismo.

Ser um trabalhador, de acordo com os novos tempos, pressupõe carisma, sensibilidade, competência, predisposição para a inovação, amor ao que faz, e, acima de tudo, tem que ter vocação para ser feliz.

Para o trabalhador, o trabalho é um constante desafio que lhe dá prazer, e está sempre antenado nas novas tendências e possibilidades de aprimorar o que sabe fazer. Não pára de reinventar, porque gosta do que faz e sabe que o mundo não vai ficar esperando pela sua boa vontade ou pelo seu bom humor.

O trabalhador não depende de seu emprego, porque sabe trabalhar em qualquer situação em que se encontre. Importa-se mais com o que sabe fazer e o faz cada vez melhor para sua satisfação e a satisfação dos seus parceiros de trabalho ou possíveis clientes.

Conheci um serralheiro, que me contou, enquanto consertava as janelas de minha casa, que se viu desempregado de uma hora para outra, porque a pequena empresa em que trabalhava teve que fechar as portas por desequilíbrios financeiros, provocados pela inadimplência de seus clientes.

“Não me dei por vencido”, disse ele, “peguei minha maleta de ferramentas e passei a visitar, de casa em casa, os meus possíveis clientes

para manutenção de portas e janelas. Sempre se encontra uma ou outra janela que está emperrada ou necessitando um pequeno ajuste.”

Enquanto ele contava, eu fiquei calculando com meus botões: “Ele cobra sete reais para cada janela que conserta. Se ao final do dia ele consertar em torno de oito, já se tem uma média de proventos ao mês de um pouco mais de mil reais, para trabalhar aproximadamente vinte dias por mês.”. Respondeu-me afirmativamente, quando lhe perguntei se estavam corretos os meus cálculos. Só em minha casa ele deu manutenção em doze janelas.

E o preço do trabalho de quem sabe o seu valor é discutido, levando-se em conta as necessidades de ambas as partes. Quem sabe tem poder na hora da negociação.

Empresários que estão na vanguarda sabem que não estão só comprando mão-de-obra. Sabem que estão agregando valor e qualidade a seus produtos e à sua empresa.

Muito se tem falado a respeito desse capital intelectual. Quem o tem, não é uma mera peça de reposição, é um ser humano com direito aos seus justos valores. E esse tipo de valor é cada vez mais exigido pelo consumidor consciente, como já o dissemos. A relação capital-trabalho ganha uma nova significação: a relação capital-capital.

Hoje, podemos dizer que uma empresa é boa quando compreende que a razão de seu sucesso é porque ela se preocupa e age na promoção do sucesso de seus clientes externos e internos. E o principal ingrediente para isso é a credibilidade que se constrói com a coerência entre o discurso e a prática de seus líderes.

Tanto o cliente interno quanto o externo pode engolir uma mentira por um determinado tempo, mas não por todo o tempo.

Sempre a educação!

O grande problema do desemprego é educacional. Não há vontade política o suficiente para se fazer, com eficácia, a capacitação ou recapacitação da mão-de-obra ociosa.

Empresas com mentalidades retrógradas e governos ineptos mantêm modelos de economia que são essencialmente predatórios.

Que pensar de um modelo econômico que despreza a capacidade produtiva, a inteligência e a criatividade de pessoas, que, só porque atingiram idade acima dos quarenta anos, ou, porventura, são portadores de alguma deficiência física são descartadas do “mercado de trabalho” como sucata? Isso em pleno momento em que se canta e decanta a importância do conhecimento e da experiência. Que pensar de uma sociedade que

desvaloriza um grande contingente de pessoas por não participarem ostensivamente desse tal mercado? Estou falando de mulheres e de homens que optaram por realizar os trabalhos domésticos – cuidar da estruturação de um lar e da educação dos filhos – e que por isso são considerados fora do “setor produtivo”. Ora, o trabalho é toda ocupação útil.

“Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: ‘Por favor, me ajude a ser feliz...’.”
(Rubem Alves)

Não conseguimos preparar nossas crianças para o mundo de hoje, com práticas metodológicas antigas e ultrapassadas.

Profissões extinguem-se e outras surgem em um curto espaço de tempo. A velocidade com que as mudanças ocorrem atropelam os menos preparados. Os idosos, os enfermos e as crianças que dependem de parentes que lutam pela sobrevivência são considerados cartas fora do baralho como se não tivessem o direito de participar da sociedade. Não podemos esquecer que são seres humanos e que têm o principal dos direitos: direito à vida.

Nossos filhos vão para a escola, mas não sabem o que estão fazendo ali.

Há uma distância enorme entre os discursos da escola, da família e da sociedade. As crianças ficam perdidas nesse fogo cruzado.

Crianças que acabam de aprender na escola sobre as famosas regras de três, quando se pede a elas para ir a um supermercado e comprar um determinado produto, que apresenta variedade nas quantidades e nos preços, elas têm dificuldade em associar o que aprenderam para descobrir qual quantidade levar por ser a mais barata.

Não é por incapacidade das crianças, é por incapacidade de algumas escolas, cujos métodos e discursos estão desarticulados com a realidade, e por isso são verdadeiros entraves na vidinha delas.

Ao observarmos as crianças de hoje, era da informática, parece-nos que elas nascem com alguns chips a mais. Elas têm os olhos voltados, naturalmente, para o mundo digital, portanto lidam melhor com ele. Se não atrapalharmos, em pouco tempo, elas nos estão ensinando.

Se dermos a uma criança em idade escolar, e a um homem de mais de 50 anos, videogames de última geração, desconhecidos pelos dois, e pedirmos para instalarem e jogarem, depois de meia hora notamos que a criança já está conseguindo brincar e se divertir, enquanto o homem está perguntando, com cara de interrogação: “Como é que se liga essa coisa?”

Urge mudarmos nossa atitude diante da educação dos filhos, não lhes impondo a obrigação de realizar os sonhos que não conseguimos realizar

no nosso tempo. Os sonhos deles são os deles, condizentes com a geração em que vivem.

Por isso é comum ouvirmos por todo lado que a oportunidade é daqueles que apresentem os principais ingredientes necessários para ser um vitorioso: sensibilidade, rapidez, criatividade inovadora, conhecimento e capacidade de transformar conhecimento em empreendimento.

Tais ingredientes, quando são espontâneos, dão a estrutura que culmina no talento que leva ao sucesso de uma pessoa. Nossa tarefa é tão-somente respeitar esse talento, não impondo desvios de rota para atendermos a questões atinentes ao status quo.

Quando forçamos os filhos a serem os melhores da classe, em cursos para os quais não apresentam ter a menor aptidão, se eles o conseguem, não quer dizer que com isso terão sucesso, ao contrário, na maioria das vezes, serão profissionais medíocres e mal-sucedidos por serem, antes de tudo, uns grandes frustrados, quando não revoltados.

Um amigo contou-me, certa vez, que conheceu um médico, que se dizia medíocre, porque havia feito o curso por imposição dos pais, mas não tinha nenhuma vocação para a medicina. O que gostava de fazer, de coração mesmo, era trabalhar com a madeira. Tinha no fundo de sua casa uma verdadeira marcenaria, onde nas suas horas de folga se punha a fazer cadeiras e mesas estilizadas com extrema maestria. Quando alguém elogiava seus móveis, ficava tão emocionado que presenteava a esse alguém com o objeto elogiado. Não fazia questão do preço. Quem faz alguma coisa, porque tem talento e gosta de fazê-la, o faz com tanto prazer que não se pensa em dinheiro. O gosto está em fazer. O dinheiro é uma consequência natural e justa.

Amar o que faz

Alguém pode dizer, e com razão, que é muito difícil fazer, na vida, somente o de que se gosta. Nem todos têm a sorte de encontrar o jeito de sobreviver fazendo aquilo que gosta de fazer.

Na maioria das vezes, temos que fazer coisas que não temos nenhuma afinidade em fazê-las.

Mas, se não conseguimos fazer tudo o de que gostamos na vida, podemos aprender a gostar de tudo que viermos a fazer, pelo menos para preservar a nossa saúde.

Quem não consegue aprender a gostar do que faz, compromete a sua saúde e constrói enfermidades graves, como já o disse.

Vem à minha mente a imagem perfeita de pessoas que gostam ou aprenderam a gostar do que fazem – a imagem dos atletas olímpicos. Esses,

em sua maioria, são apaixonados pelo que fazem. Veja o exemplo da nossa simpática brasileira Daniele Hypólito – a ginasta.

Sem patrocínio e usando os poucos recursos que o pai ganha como manobrista de um posto de gasolina, ela sai de casa todos os dias às sete horas da manhã, toma o ônibus e vai para os treinos que duram, em média, sete ou oito horas por dia, segundo reportagens das revistas, dos jornais e da TV.

Mas ela está lá, com sorrisos nos lábios e muitos calos nas mãos.

Foi, no final do ano 2001, lá do outro lado do mundo, que ela ganhou uma medalha de prata num torneio mundial. Uma semana após ganhou medalha de ouro em outro torneio nos EUA. De volta ao Brasil, lá está ela nos seus treinos intermináveis, sem tirar o sorriso dos lábios.

Por isso, as Olimpíadas são grandes celeiros de cenas que nos tocam profundamente o coração.

São seres humanos que encontraram o sentido de viver ao encontrar o sentido do trabalho que fazem.

Entram em rotinas de treinamento, que para nós é difícil até de pensar o que sentem e o porquê de eles fazerem tanto esforço para tão pouco tempo de competição – às vezes, nove ou dez segundos.

Imagine se você fosse um atleta, que treina oito horas por dia para correr os cem metros rasos. Levantar de manhã, preparar-se, aquecer-se, alongar-se, ouvir o técnico, concentrar-se, correr. Faz-se a cronometragem. Onze segundos após, volta e repete tudo outra e mais outra vez por oito horas diárias.

O verdadeiro atleta faz isso com paixão, fantasiando um dia subir ao pódio, ouvindo o hino de seu país, sob o aplauso do público.

E ao chegar às Olimpíadas, não é preciso ganhar a medalha de ouro, é o bastante estar ali, de posse do significado que aquilo tem, para entrar para a história. Já é, sem dúvida, uma vitória chegar até ali.

Aliás, é freqüente ganharem mais notoriedade os atletas que não ganham medalhas, por deixarem claro o seu sentimento nobre de possuidores do verdadeiro espírito olímpico, que se confunde com a posse do sentido da vida.

Nas últimas Olimpíadas de 2000, quem ficou em evidência na mídia internacional foi um tal Erik Mussambagne. Um nadador oriundo de um pequeno país africano, que foi convidado pelo Comitê Olímpico para participar das Olimpíadas. Na hora de pular na piscina olímpica, ele teve medo de se afogar, porque nunca nadara numa piscina daquele tamanho. A maior piscina que conhecia era também a maior de seu país, vinte metros, disse ele. Pertencia a um hotel, onde fazia seus treinos.

Numa de suas entrevistas, ele contou que ficou na dúvida se pulava ou não. Quem assistiu à TV pôde perceber que ele, de fato, pulou depois dos seus companheiros de seletiva. “Nadou sozinho e perdeu”, disse um

repórter. Mas venceu seu medo, pulou e nadou sofrivelmente. Nenhuma técnica. Literalmente se debatia dentro da água. Mas, lutou até chegar do outro lado, virou atabalhoadamente e, na volta, segundo o que ele próprio disse na entrevista, estava se afogando. Queria levar a mão na raia e parar para pedir socorro, quando viu a platéia de pé incentivando-o. Nesse instante, falou mais alto o sentido de estar ali para nadar, e arrancando forças sobre-humanas de dentro de si, conseguiu chegar até a borda, que, segundo ele próprio, salvou sua vida. Os aplausos ecoavam nos seus ouvidos.

Não há como conter as lágrimas, pois, nesse momento, nós nos projetamos psicologicamente e nos sentimos representados em dignidade, nobreza, bravura e amor ao sonho de toda uma vida.

Uma heroína

Outro exemplo aconteceu nas Olimpíadas de 1984, quando uma moça - a maratonista Gabrielle Andersen - Schiess - chegou muito tempo depois de quem chegara em primeiro lugar. Ao entrar no ginásio via-se claramente que ela sentia câimbras dos pés à cabeça. Seu olhar estava esgazeado. Estava trôpega. Mas naquele instante só se tem um sentido, chegar e ultrapassar a linha de chegada, apesar de todo o sofrimento físico.

O público foi ficando em silêncio, como que reconhecendo o drama daquela atleta. Depois o incentivo pelas palmas. E ela caiu. Os médicos queriam entrar na pista para ajudá-la, mas com o dedinho ela dizia que não. Levantava-se e continuava como quem diz: “Meu objetivo é muito maior que a dor que sinto em meu corpo. Eu vou cruzar aquela linha custe o que custar.”.

Diante disso, como recusar a idéia de que somos imortais? Como não nos reconhecermos espiritualmente ao superarmos os nossos limites corpóreos numa transcendência a algo muito maior do que realmente achamos que somos?

Nessa hora não é mais uma mulher com um nome que está atuando, é a própria humanidade que está representada ali. Até o locutor, com toda a sua ênfase emocional, embargou a voz e parou de falar. Falar o quê? A cena por si só era um turbilhão de significados, que nos remetia a reflexões profundas sobre o que somos, e para que somos nesse mundo de meu Deus.

Ela conseguiu, diante das lágrimas de uma platéia mundial, cruzar a linha e cair nos braços do médico que a esperava, como se fora uma filha querida a solicitar seus cuidados.

É assim, quem consegue amar aquilo que escolheu fazer na vida.

Quem ama o que faz está de posse do sentido da própria vida e da vida de todo e qualquer ser humano. Basta um salvar-se e ele salvará o resto da humanidade.

Nós, via de regra, achamos que felicidade é um objetivo que está perto ou distante de ser atingido. Passamos a vida toda fazendo planos e esperando chegar até ele e sermos felizes. E morremos esperando.

Por quê?

Porque felicidade não é um ponto final, é um modo de ir. Há pessoas que conseguem entender isso e passam pela vida espalhando sorrisos e os recebendo por consequência. Sorriem mesmo quando não recebem sorrisos.

É verdade que a nossa herança cultural judaico-cristã não nos ajudou muito por causa das distorções que sofreu ao longo do caminho. Algumas doutrinas religiosas distorceram esse significado a tal ponto que, na Idade Média, quem não sofresse não ia para o céu. Era a doutrina da promessa de um céu a prazo, mas tendo que pagar um inferno à vista.

Mea culpa, mea maxima culpa!

Por amor

Jesus de Nazaré veio ao mundo para provar que, mesmo quando estamos sob os maiores sofrimentos, podemos ser felizes. Ele o foi. Seu sofrimento foi incontestavelmente grande. Debaixo de acusações sem fundamento, uma cruz infame, cusparadas humilhantes, mesmo assim, Ele amava e entendia os seus agressores pedindo ao Pai que os perdoasse, porque não sabiam o que faziam. Era feliz por estar realizando o que se propôs a fazer.

Quando fazemos nossas tarefas com amor e por amor, por mais que soframos, nossas dores não passam de estímulos para que continuemos na empreitada.

Até entendermos isso, passamos uma boa parte de nossas vidas reclamando ou fazendo apologias ao sofrimento por medo de perdermos o prometido céu. Chegamos, às vezes, a disputar sofrimento.

É verdade.

Viciamos-nos a disputar sofrimentos.

Nota-se isso até pelo jeito de nos cumprimentarmos. Quando alguém nos pergunta como vamos, a resposta é geralmente um “mais ou menos”, porque, se houver disputa estamos no páreo.

Uma disputa esquisita

Quando era menino, com meus dez anos de idade, eu ficava observando, da janela lá de casa, três velhinhas, que se encontravam e se punham a disputar suas mazelas.

Dizem as más línguas que as mulheres, quando passam dos quarenta, têm como diversão falar de doenças. Eu acho que os homens também estão nessa onda, só que mais camuflados para não perderem a virilidade.

Voltando às três velhinhas, quando se encontravam, era um festival de lamúrias. Eram verdadeiras profissionais na disputa de doenças. A conversa delas era composta de duas fases: a primeira, era a fase meteorológica, como sempre. Nada melhor que usar as variações do tempo para puxar um assunto com alguém.

Era a hora de se falar do tempo: “Calor! Né?”, dizia uma. “Pois é, menina! Quente demais! Né?”, respondia a outra.

Após os cumprimentos e a resenha do tempo, começava a segunda fase - a disputa propriamente dita, quando uma delas caía na bobagem de perguntar à outra: “Como é que você tem passado?”.

Havia, então, toda uma preparação para responder com requintes de detalhes a tal pergunta. Primeiro uma pequena pigarreada, depois uma esfregada de mãos e a seguir começava a desfolhar o vale de lágrimas: “Ah! menina, não te conto nada! Essa noite eu passei um mal, mas um mal, daqueles! Bateu-me uma dor aqui no ombro... Depois essa dor respondia aqui embaixo das costelas e descia passeando pelas pernas...”

Na minha cabeça de menino ficava matutando na existência de dores que conversavam e dores que passeavam.

Sem me notar a presença, ela continuava a resenhar seu drama até perceber que as outras duas já estavam com a mão no queixo e batendo o pezinho no chão, impacientes, aguardando sua vez de colocar as cartas na mesa, ou melhor, as doenças.

Então era a hora de passar a vez por meio da famosa pergunta: “E vocês como têm passado?”.

A segunda tomava a palavra, e em primeiro lugar tinha que desdenhar a dor da outra: “Isso não é nada, menina! Sofrer fui eu essa noite! O meu marido tossiu a noite inteira, eu tive uma crise de asma, a cicatriz de minha cirurgia ardeu tanto que achei que fosse desmaiar. Deve ser por causa da volta de lua... Passamos a noite em claro...”.

Enquanto isso, a terceira aguardava a vez de entrar na disputa e, pelo jeito, pensava: “Podem colocar sofrimento na mesa, porque hoje não tem para ninguém!”.

Eu, do alto do meu camarote, pensava: “Para aquela terceira ganhar essa parada só se morrer, no mínimo, umas três vezes, porque não é qualquer cancerzinho que vai ganhando essa rodada, não”.

São os resquícios de uma cultura, em que as pessoas acham que, para se ter uma recompensa futura, no céu, há que se passar por um verdadeiro inferno na vida.

Cultura de autoflagelações inúteis que só servem para denunciar as nossas limitações ao lidarmos com nossas carências afetivas e os nossos dramas existenciais.

Só podemos dar
o que possuímos

Carências que se revelam pelo boicote à felicidade que vivenciamos no dia-a-dia. O exemplo fala mais alto do que mil explicações: aconteceu com uma senhora, que ainda detinha os traços da bela jovem que, com certeza, havia encantado muitos corações. Após enviuvar-se, aos 59 anos, percebeu que sua vida era só reclamar de seus achaques e dos filhos que não a visitavam.

Veza por outra, ela se pegava cantarolando alegremente fazendo seu almoço ou alguma tarefa doméstica, quando de repente um de seus filhos, acompanhado de uma de suas netinhas, adentrava a casa.

Ela se despistava, rapidamente, e fazia a velha cara de sofredora, dizendo-se sentir uma dor aqui, outra acolá, só para provocar culpas no “filho ingrato” que a abandonara. O pobre coitado, um pouco constrangido, assumia gestos carinhosos para com ela, que se derretia e demonstrava um pouco de “momo” ao falar.

Ainda bem que ela, em seu depoimento com um largo sorriso nos lábios, afirmou estar transformada, chegando mesmo a se remoçar, ao compreender que a vida é para ser vivida de forma intensa e apaixonadamente feliz. Vida de quem busca um sentido para viver e o encontra na própria busca.

Além do mais, dizia ela, os carinhos manipulados que recebia, não preenchiam o vazio da sua alma, pois que eram cada vez mais falsos e forçados.

Bendita seja a hora em que Francisco de Assis disse: “... É dando que se recebe...!”. Só se pode dar aquilo que se tem. Quem dá carinho é porque já os possui em plenitude, portanto, não há carência.

Ao iniciar a palestra sobre o tema relações humanas, costumo perguntar para a platéia: “O que é uma relação?”. Fico esperando o leque de

respostas, que começam timidamente e depois vão tomando corpo em profundos conceitos filosóficos que fariam inveja a Sócrates e a sua maiêutica. As respostas que dão, são variadas: convivência, respeito, amor, carinho, responsabilidade...

Aí retomo a palavra e começo a brincar com a palavra “relação”, dizendo que seu sentido é, simplesmente, a “ação” de “relar” ou “ralar”. A platéia ri, enquanto reforço: “Relação é a gente entender como é que ”relamos” no mundo e como permitimos que o mundo nos “rele”. Tem a ver com a afetividade, que, por sua vez, é a maneira que nos permitimos ser tocados pelo mundo ou o jeito pelo qual o tocamos.”.

Os brutos podem amar?

Há pessoas cuja relação com o mundo que os cerca é por demais dolorosa. São pedras brutas a exigir polimento com lixa grossa.

Um vizinho, dos tempos de infância, contador de “causos”, fazia-nos passar horas a fio gargalhando de tipos assim.

Dizia ele, contando um deles: “Lá na roça onde eu morava, quando menino, havia um homem, que era tão bruto, mas tão bruto, que um dia, enquanto cortava cana para dar para o gado, se distraiu e ralou o dedo, de leve, na serra da máquina de cortar. Ele, com toda sua brutalidade, ao notar o arranhão por entre os dedos polegar e o indicador, rangeu os dentes de raiva e segurando a ponta do polegar ferido, urrou para a máquina: ‘Se você quer cortar, então, corte direito!’ Passou o dedo na serra decepando-o totalmente”.

Não me passava pela cabeça infantil e deslumbrada, pensar que o vizinho estivesse mentindo. Com um jeitão de homem sério, ele nos passava credibilidade.

Esses “causos”, na pior das hipóteses, serviam como lições a ensinar-nos a ter mais cautela em nossas reações. Estão bem sintonizados com o tempo atual, afinal de contas, estamos vivendo a era da inteligência emocional. Não se admite mais alguém trabalhar numa máquina perigosa, tendo reações desse tipo.

Certamente são os responsáveis pelos índices de acidentes de trabalho estarem em níveis estratosféricos.

Exagero? Você é que pensa!

Nas relações com o nosso mundinho, temos reações semelhantes, quando, por exemplo, vamos fechar uma porta de armário, e, por estar sem o trinco, ela se abre novamente. Voltamo-nos para ela, demonstrando uma leve falta de paciência, mordemos a língua e tentamos fazê-la ficar fechada. Se, ao virarmos as costas, ouvimos de novo aquele rangido característico

dela se abrindo, não nos voltamos mais para ela, dali mesmo, de costas, damos, literalmente, um “coice” para que ela “aprenda” a ficar fechada. E ainda dizemos, rangendo também os nossos dentes: “Fique quieta aí!”.

Para completar a cena hilária, para não dizer trágica, a esposa costuma ouvir o barulho e toca a gritar lá da sala: “O que está acontecendo aí na cozinha?”. Percebemos a mancada e tentamos explicar: “Nada não, benzinho! É só um entrevero que estou tendo com a porta do armário. Ela não ‘quer’ ficar fechada.”.

Dá para acreditar numa coisa dessas? Nós, animais racionais, brigamos com portas de armários que “têm” vontade própria... Nós lhe atribuímos livre arbítrio. É o fim da picada!

Fazendo o dever de casa

Já deu para perceber que nós estamos com o nosso dever de casa atrasado. A maioria de nós cresceu e chegou, mal-elaborados e capengas nas nossas relações, à fase adulta. O Dicionário Aurélio diz que “ser um adulto é, no dizer da psicologia, quando um indivíduo atingiu plena maturidade, expressa em termos de adequada integração social e adequado controle das funções intelectuais e emocionais”.

O que fazer, então? De braços cruzados não podemos ficar. Vamos, pelo menos, superficialmente, tentar entender o amadurecimento relacional por que todos nós passamos idealmente, e compará-lo ao que passamos realmente, para poder ver se precisamos de um terapeuta mais ou menos urgente, ou se podemos com um pouco de boa vontade transformar nossas atitudes em atitudes condizentes à condição de adultos, que somos ou que viremos a ser.

Vamos traçar uma linha de tempo desde o período pré-natal até o período adulto e nela acentuar as fases pelas quais passamos, elaborando e amadurecendo as nossas relações com o mundo que nos cerca.

Primeira fase

Veremos na primeira fase – a pré-natal –, que a nossa relação é intra-uterina, uma relação latente. Mas já registramos as sensações do ambiente familiar onde vivemos. Às vezes, essa fase é de fundamental importância para os terapeutas encontrarem respostas para intrincados distúrbios de conduta.

Segunda fase

A segunda fase – de zero a dois anos mais ou menos – é aquela, cujo predomínio é uma relação de dependência. Dependemos do mundo que nos cerca para sobreviver.

É nessa fase que descobrimos o chorinho mágico que resolve qualquer coisa. Estamos com fome? Frio? Ou sede? É só chorar que a mamãe vem com seu colinho para dar de mamar, agasalhar ou trazer o suquinho para o nenê! E se, porventura vier o pai, chora-se dobrado, porque pai, infelizmente em sua maioria, ainda não tem muito jeito para essas coisas. Devia ter. Passou da hora de ter.

Terceira fase

A terceira fase está entre os dois e quatro anos. Deve-se observar que esses números são aproximados, porque, não se esqueça, de que estou falando de uma escala ideal.

Esta é a fase na qual a predominância das relações está no estabelecimento da posse territorial. A criança nessa idade é dona do mundo. Tudo foi feito por causa dela e para ela. A mãe, o pai, os irmãozinhos e os amiguinhos estão ali por e para ela. Saia com uma criança dessa idade, e ela irá dizendo pela rua afora: “olha lá meu prédio, meu avião, meu boizinho, meu cavalinho...”. Tudo pertence a ela. Se o filho da vizinha vem à sua casa e pega um de seus brinquedos, é choro e briga na certa.

Hora propícia para os pais ensinarem a arte de compartilhar.

Quarta fase

Na quarta fase – de quatro a sete anos –, as crianças já começam a estabelecer relações de socialização com o mundo fora de sua casa, quando freqüentam as escolinhas.

Uma relação política embrionária é a característica fundamental. Imagine uma sala de aulas com vinte donos do mundo tentando resolver as coisas ainda utilizando as fases anteriores. Se um quer se sentar numa determinada cadeira e outro chega primeiro, a confusão aparece: “Tia, eu quero me sentar é ali!”.

Quando as “tias” são espertas, tentam resolver o conflito, ensinando a negociação, parceria e a amizade. Quando não, os preconceitos e a parcialidade podem causar estragos terríveis.

Numa escolinha de pré-primário, uma cena sutilmente preconceituosa foi observada, quando uma de suas professoras, bem-intencionada, mas

despreparada, disse a uma garotinha branca, quando ensaiava um teatrinho: “Deixe a Marianinha (que era uma menina da raça negra) fazer o papel de patroa só hoje! Amanhã tudo volta ao normal.”.

Volta ao normal?!...

Apesar do trabalho duro, é gratificante, para as verdadeiras professoras, assistir ao amadurecimento das relações humanas, no instante em que ele acontece. Testemunho de momentos que podem ser o divisor de águas de toda uma vida humana, ou também oportunidade de corrigir as distorções que acarretariam sofrimentos desnecessários.

Eu disse “verdadeiras professoras”, porque as que não o são não conseguem enxergar essas maravilhas, que é ver um ser humano abrir-se e ir ao encontro do outro. Estão preocupadas exclusivamente com o salário mingauado no final do mês, e deixam escapar momentos de solidariedade pura e de fraternidade inocente.

Ver as crianças aprendendo que, ao conquistarmos alguma coisa, devemos respeitar os direitos dos outros de conquistá-la também. Quem não se entenece ao ver uma criança chegar para outra e dizer: “Deixe-me brincar um pouquinho com seu carrinho que eu deixo você brincar com minha bola?”. Prenúncios de grandes encontros. Começa com pequenas barganhas até se consolidar o encontro entre dois seres que compartilham a vida por meio da amizade e do amor.

Quinta fase

Na quinta fase – dos sete aos quatorze anos –, a relação caracteriza-se pela construção de um perfil psicológico social. Os grupos formam-se por afinidades. Nas escolas, dentro de salas de aulas, forma-se aquilo que ficou conhecido como “panelinha” de cinco ou seis meninos aqui, quatro ou cinco acolá, onde os laços de companheirismo são muito fortes. Onde um estiver os outros estarão também. Criam regras próprias para as brincadeiras, que, se não cumpridas por um determinado membro, a pressão dos outros componentes fazem-no ou cumpri-la ou excluir-se do grupo. Embrião da assimilação ética.

Nas brincadeiras essas regras são explicitadas no próprio modo de brincar.

A riqueza de regras contidas num simples jogo de bolinha de gude fascina ou, pelo menos, deveria fascinar, um homem de leis, que tem conhecimentos da filosofia da lei. Até o vocabulário é próprio: urtimão! (o último a jogar); dô nadis! (não dá direito a nada); limpis! (pede o direito a limpar a trajetória da bolinha); rétis! (pede o direito de colocar a bolinha do outro num lugar reto ou plano); e assim por diante.

Quem, em sua infância, brincou de bolinha de gude deve agora se lembrar de outras tantas maneiras de falar as regras do jogo, e talvez sentir saudade dos tempos idos.

Sexta fase

Dos quatorze aos 21 anos é a fase do enamoramento, que poderíamos chamar de fase da “síndrome de Charlie Brown” (do desenho do Snoop), cujos sintomas característicos podem ser resumidos num só: apaixonar-se, perdidamente, pela última vez, toda semana.

Observe-se que a relação vai se abrindo para o outro ao amadurecer-se. Nessa fase, se a paixão for muito grande, nega-se até as fases anteriores, principalmente a do egoísmo da posse. O exemplo que dá uma idéia do que isso quer dizer é dito pelos próprios jovens, quando falam que há todo um ritual de degustação, quando um jovem come uma barra de chocolate.

Começa-se por isolar-se num cantinho, onde desembulha, avidamente a embalagem. Depois vai roendo as bordas bem devagarzinho (“Nham! Nham! Nham!”) até ficar um bom naco que vai ser colocado todo, de uma só vez, na boca. É o pedaço que vai dar o gosto de comer um chocolate. Prazer que embriaga!

Mas, na hora de colocar o saboroso naco na boca, se porventura passar a pessoa amada perguntando: “É chocolate, é?”. A resposta é, mesmo com dor no coração: “É..., você quer?”.

E dá para amada, o melhor da festa! Nega-se a si mesmo, para ver o outro feliz. A relação a dois intensifica-se, vindo um possível casamento. Depois se abre para os filhos e a conseqüente valorização dos pais e parentes mais próximos. Nada melhor para aprendermos a dar valor aos pais do que quando nos tornamos pais.

Sétima fase

Se tudo correr bem, chegaremos à última fase, após os 21 anos de idade, com maturidade e capacidade de amar, porque o aprendizado ao longo da vida foi eficiente.

Até agora nós falamos do amadurecimento das relações humanas numa escala ideal.

Como seria numa escala real?

Só Deus o saberia, porque há pessoas (vale para ambos os sexos) que estão com mais de meio século de existência e ainda estão encalacradas psicologicamente na segunda fase. Sua relação é de quase total

dependência com tudo e com todos. Às vezes, substitui a mãe pela esposa (ou o pai pelo marido), que passa a ser de quem ele depende.

Não pode mais usar o chorinho mágico para resolver os problemas, pois pegaria mal; então usa outros recursos como a chantagem emocional.

Quantos marmanjos chegam em casa, depois de um dia cansativo de trabalho, e não encontrando a esposa já vai logo fechando a cara e se emburrando pelos cantos. A pobre coitada, ao chegar em casa, vai encontrar o maridão sofrendo de um problema que, desculpem-me o neologismo, mas tive de batizar de “papomonossilabite aguda”. Sabe o que vem a ser isso? É um problema, cujo sintoma principal é passar a falar somente por monossílabos. Ele ataca tanto os homens quanto as mulheres.

No caso em questão, se a mulher pergunta ao marido se vai querer jantar, a resposta é seca e com a cara amarrada: “Vou!”.

Viu? Só usa uma sílaba. Se vier outra pergunta tipo: “Quer me levar na casa de mamãe?”. A resposta vem mais que depressa, sem faltar a cara amarrada: “Não!”.

Dizem que esse problema tem um ciclo de duração que vai de dois a cinco dias. Fica aquela “coisa” amuada ali pelos cantos da casa, sentindo-se a pior de todas as vítimas.

A esposa, num ataque de sentimento maternal, com jeitinho, depois de uns três dias, vai se aproximando, vai fazendo um cafuné de mansinho, até perguntar: “O que é que você tem, meu velho, conta pra mim?”. A resposta custa a sair da boca, mas sai, baixinho: “Nada!”. Ela insiste na pergunta, reforçando o cafuné: “Há três dias que você está tristonho pelos cantos... Conta para mim, o que é que você tem?”. Então, com uma voz dengosa por causa do beicinho, a resposta sai: “Você já não gosta mais de mim!”.

Se não fosse triste uma relação de dependência, até que seria engraçado.

Outros se encalacram no período do estabelecimento da posse, e não aprendem a compartilhar. Esses são conhecidos, porque eles marcam seu território em tudo que lhes pertence. A caneta deles tem o nome escrito num papelzinho, e se você a pede emprestado, ele a dá, mas segura a tampa como garantia de que ela vai voltar.

Esse tipo não consegue dar nada a ninguém, a não ser com certas restrições. As pessoas que fazem campanha de arrecadação de alimentos ou roupas usadas, para atendimento aos carentes, que o digam.

Eles contam que, às vezes, chegam à porta da casa de alguém e faz o pedido. A pessoa os olha de cima abaixo, como quem desconfia de algo, mas resolve ir ver se tem algo a dar. A porta entreaberta permite que vejam a angustiante escolha do possessivo até encontrar uma calça imprestável, que já deu tudo que tinha que dar, e ainda mais alguma coisa. Olha-a, de um lado e de outro, para resolver doá-la. Ao trazê-la, no meio do caminho resolve experimentar o zíper da calça e conclui que este ainda se encontra em ótimo estado. Arranca-o e entrega a calça sem o zíper.

A má elaboração da fase da posse faz com que o despojamento, o desapego seja muito difícil. É por isso que, geralmente, vemos os mendigos andando pelas ruas com as calças sem o zíper na braguilha, usando um cordão à guisa de botões para segurá-la na cintura.

Se pararmos para observar, poderemos constatar em que fase, ou fases, nós temos que elaborar ou re-elaborar nas nossas relações, para que elas se tornem mais harmônicas, mais condizentes com a nossa condição de adultos capazes de sentir o melhor dos sentimentos que é o amor.

Ah! Sempre o amor!

O texto abaixo encerra uma síntese do que seja esse coroamento do sentimento: o amor que o ser humano adulto, bem-elaborado, é capaz de sentir.

“O amor resume toda a doutrina de Jesus, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra ‘amor’, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo”.

(Allan Kardec)

Só quem ama é capaz de saber o que é o amor. Não adianta alguém explicar o que é amar para outra pessoa, porque jamais conseguirá transmitir tudo que o envolve.

Um sentimento não cabe na exigüidade das palavras que sonham em descrevê-lo. Que se dirá do amor que é o sentimento por excelência?

Quem não ama fica ansioso para saber como é. Não saberá, enquanto não aprender a amar.

O amor não pode ser transferido de uma pessoa para outra a não ser numa figura poética. Como transferi-lo, se é um patrimônio exclusivo de quem ama.

Podemos encher o estádio Maracanã até sua lotação completa, que deve ser mais de cem mil pessoas, e colocar no centro do gramado uma pessoa

amada, fervorosamente, por cada uma das cem mil pessoas ali presentes. Mas se esta pessoa não souber amar, ela provavelmente dirá: “O que é que esse povão está fazendo aí e eu aqui, sozinho ‘pagando o maior mico’?”.

O amor é semelhante à luz de uma vela, que, quando acesa, se ilumina e ilumina à sua volta. Uma vela acesa jamais chegará perto de uma vela apagada e a enxergará no escuro, pois sua luz a iluminará.

Quem está com a luz acesa não tem carência de luz. Por isso que, numa relação, a pessoa que não ama está sempre cobrando o amor do seu parceiro, justamente porque não o tem. Quer a todo custo o amor do outro, que por mais que ame não pode transferir o seu amor para a pessoa amada.

Quando não se sabe o que é o amor, é um tal de: “Você não me ama! Você não me respeita! Você não me entende! Você não me dá valor!”. Quem não sabe amar é cego para as realidades do amor do outro. A cobrança passa a ser a tônica da sua relação.

O sentimento é patrimônio exclusivo de quem o sente.

Como o amor não pode ser transferido, resta-nos o consolo de que ele pode ser contagiado. Isso mesmo, o amor é contagioso. Mas é preciso predispor-se a deixá-lo nascer e crescer sem medo de ser feliz.

Então, quando menos se espera, a luz de uma vela pode se acender.

Aí a vela acesa que contagiou a vela recém-acesa não fica feliz, porque se tornou o objeto do amor da outra, não. Ela fica feliz, porque a outra vela simplesmente aprendeu a amar. O ambiente ficará duplamente iluminado.

Não há nada mais gostoso do que viver com uma pessoa que sabe o que a gente sabe, e sente o que a gente sente. Não há necessidade nem de palavras mais, bastam os olhares e seus infinitos significados.

Quem ama sabe reconhecer o amor onde estiver acontecendo e se “co-move” com ele. Move-se com ele, numa perfeita comunhão.

Então, o que você está esperando?

Ame. E seja feliz.

Bibliografia

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

ARRUDA ARANHA, Maria Lúcia; PIRES MARTINS, Maria Helena. *Filosofando. Introdução à filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

BUZZI, Arcângelo R.. *Introdução ao pensar*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. 5 .ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. 67. ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1995.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 55. ed. São Paulo: Ed. Lake, 2000.

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. 1. ed. São Paulo: Ed. Lake, 1979.

SANTOS, Celeste. Ainda e sempre o amor. Correio Fraternal do ABC, São Bernardo do Campo/ SP, jan., 1986, p. 9.